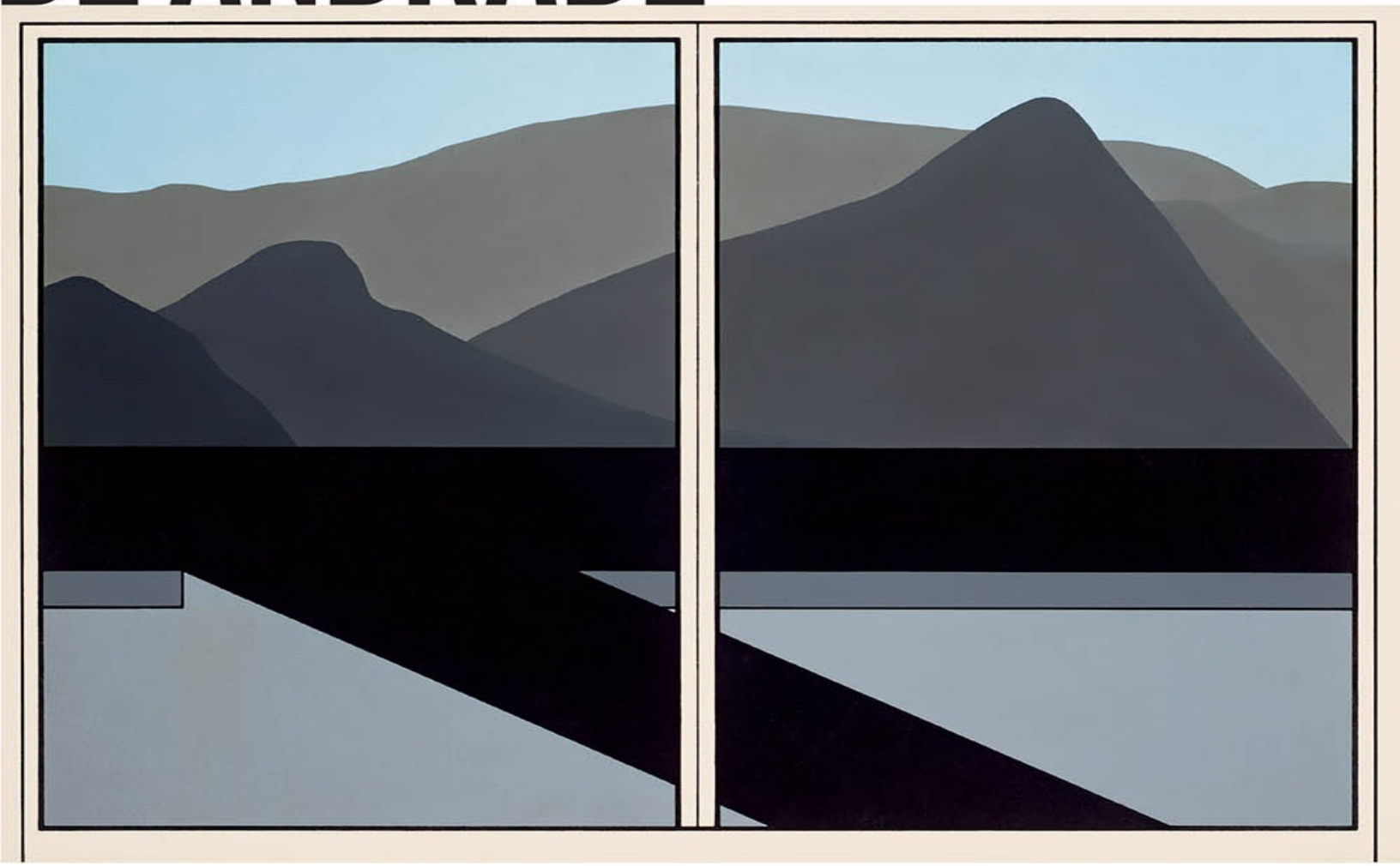
DISCURSO DE PRIMAVERA E ALGUMAS SOMBRAS

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE



COMPANHIA DAS LETRAS

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE
DISCURSO DE PRIMAVERA E ALGUMAS SOMBRAS

POSFÁCIO
Sérgio Alcides

Companhia Das Letras

Sumário

NOTÍCIAS DO BRASIL
Águas e mágoas do rio São Francisco
Num planeta enfermo
Kreen-akarore
As arcas e os baús
Triste horizonte
Receituário sortido
Jornal de serviço (Leitura em diagonal das "Páginas amarelas")
Ataíde à venda?
Um besouro em toda parte

OS MARCADOS
A casa de Helena
Pedro Nava a partir do nome
Em louvor de mestre Aires
Augusto Frederico Schmidt 10 anos depois
Perda
Murilo Mendes hoje/ amanhã
A Lúcio Cardoso (na casa de saúde)
Traços do poeta
Lembrança de Portinari
A falta de Erico Verissimo
Frutuoso Viana
Alagados da Bahia
A um contemporâneo
I — O sábio sorriso
II — Alceu na safira dos oitent'anos
Uma flor para Di Cavalcanti
Manuel Bandeira faz novent'anos
Folheando *Disegni*, de Kantor
A Abgar Renault

A Lourdes e Cassiano Ricardo
Exercitia, de José Geraldo Nogueira Moutinho
O nariz do morto
A paisagem no limite
Visão de Clarice Lispector
Um lírio, por acaso
Joan Crawford: *in memoriam*
Postal para Catherine
A voz
A Afonso Arinos, setentão

SÃO SEBASTIÃO E PECADORES DO RIO DE JANEIRO
Retrato de uma cidade
Elegia carioca
Alegria, entre cinzas

CAPÍTULOS DE HISTÓRIA COLONIAL
Branca Dias
Governador em viagem
Inconfidência Mineira
Fala de Chico-Rei

ASSIM VAI (?) O MUNDO
Ultratelex a Francisco
Mal do século
Antibucólica 1972
Entreato de paz
Todo mundo e ninguém (*Auto da Lusitânia*, de Gil Vicente)
Microlira
Infatigável
Indagação
Sussurro
Recomendação
O comércio da privacidade
A grande manchete

MÚSICA DE FUNDO

A palavra mágica
O constante diálogo
Som
A casa do jornal, antiga e nova
E aconteceu a Primavera
Retrolâmpago de amor visual
Exorcismo
A rosa é um jardim
Receita de Ano Novo
Ceia em casa de Simão (Evangelho de Lucas, VII, 36-50)
Os namorados do Brasil
A música da terra

Posfácio
Canto circunstancial,
SÉRGIO ALCIDES
Leituras recomendadas
Cronologia
Caderno de imagens
Crédito das imagens
Índice de títulos e primeiros versos

DISCURSO DE PRIMAVERA E ALGUMAS SOMBRAS

NOTÍCIAS DO BRASIL

ÁGUAS E MÁGOAS DO RIO SÃO FRANCISCO

Está secando o velho Chico.
Está mirrando, está morrendo.

Já não quer saber de lanchas-ônibus,
nem de chatas e seus empurradores.
Cansou-se de gaiolas
e literatura encomiástica
e mostra o leito pobre,
as pedras, as areias desoladas
onde nenhum caboclo-d'água,
nenhum minhocão ou cachorrinha-d'água,
cativados a nacos de fumo forte,
restam para semente
de contos fabulosos e assustados.

Ei, velho Chico,
deixas teus barqueiros e barranqueiros na pior?
Recusas pegar frete em Pirapora
e ir levando pro Norte as alegrias?
Negas teus surubins, teus mitos e dourados,
teus postais alucinantes de crepúsculo
à gula dos turistas?
Ou é apenas
seca de junho-julho para descanso
e volta mais barrenta na explosão
da chuva gorda?

Já te estranham, meu Chico. Desta vez,
encolheste demais. O cemitério
de barcos encalhados se desdobra
na lama que deixaste. O fio d'água
(ou lágrimas?) escorre
entre carcaças novas: é brinquedo

de curumins, os únicos navios
que aceitas transportar com desenfado.
Mulheres quebram pedra
no pátio ressequido
que foi teu leito e esboça teu fantasma.

Não escutas, ó Chico, as rezas músicas
dos fiéis que em procissão imploram chuva?
São amigos que te querem,
companheiros que carecem
de teu deslizar sem pressa
(tão suave que corrias,
embora tão artioso
que muitas vezes tiravas
a terra de um lado e a punhas
mais adiante, de moleque).
É gente que vai murchando
em frente à lavoura morta
e ao esqueleto do gado,
por entre portos de lenha
e comercinhos decrépitos;
a dura gente sofrida
que carregas (carregavas),
no teu lombo de água turva,
mas afinal água santa,
meu rio, amigo roteiro
de Pirapora a Juazeiro.
Responde, Chico, responde!

Não vem resposta de Chico,
e vai sumindo seu rastro
como o rastro da viola
se esgarça no vão do vento.
E na secura da terra
e no barro que ele deixa
onde Martius viu seu reino,
na carranca dos remeiros

(memória de outras carrancas
há muito peças de *living*),
nas tortas margens que o homem
não soube retificar
(não soube ou não quis? paciência),
nos pilares sem serviço
de pontes sobre o vazio,
na negra ausência de verde,
no sacrifício das árvores
cortadas, carbonizadas,
no azul, que virou fumaça,
nas araras capturadas
que não mandam mais seus guinchos
à paisagem de seca
(onde o tapete de finas
gramíneas, dos viajantes antigos?),
no chão deserto, na fome
dos subnutridos nus,
não colho qualquer resposta,
nada fala, nada conta
das tristuras e renúncias,
dos desencantos, dos males,
das ofensas, das rapinas
que no giro de três séculos
fazem secar e morrer
a flor de água de um rio.

NUM PLANETA ENFERMO

A culpa é tua, Pai Tietê? A culpa é tua
se tuas águas estão podres de fel
e majestade falsa?

MÁRIO DE ANDRADE
(*Meditação sobre o Tietê*)

Cai neve em Parnaíba,
noiva branca.
Vem dos lados de Pirapora do Bom Jesus.
Presente de Deus, com certeza,
a seus filhos que jamais viram Europa.
Ou talvez cortesia do Prefeito?

Moleques, brinquem na neve pura e rara.
Garotas, não tenham cerimônia.
Cai neve em Parnaíba, é promoção.
O senhor que é tabelião, o dr. promotor
por que não vão fazer bonecos dessa neve
especial, que reacende
o espírito infantil?

Correm todos a ver a neve santa,
a alvorejar em sua alvura.
Olha a rua vestida de sonho,
olha o jardim envolto em toalha de nuvens,
olha nossas tristezas lavadas, enxaguadas!
O professor chega perto e não se encanta.
Esse cheiro... diz ele. Realmente,
quem pode com esse cheiro nauseante?

A neve foi malfeita, não se faz
neve como em filmes e gravuras.

E me dói a cabeça, diz alguém.
E a minha também, e o mal-estar
me invade o corpo. Desculpem se vomito
à vista de pessoas tão distintas.

Envenenada morre a flor-de-outubro
no canteiro onde o branco
deixa uma escura marca de gordura.
Marcadas ficarão
as casas coloniais da Praça da Matriz
tombadas pelo IPHAN?
A pele dos rostos mais limpinhos
— ai Rita, ai Mariazinha —
cheira a óleo queimado.

Estranha neve:
espuma, espuma apenas
que o vento espalha, bolha em baile no ar,
vinda do Tietê alvoroçado
ao abrir de comportas,
espuma de dodecilbenzeno irredutível,
emergindo das águas profanadas
do rio-bandeirante, hoje rio-despejo
de mil imundícies do progresso.

Pesadelo? Sinal dos tempos?
Jeito novo de punir cidades, pois a Bíblia
esgotou os castigos de água e fogo?
Entre flocos de espuma detergente
vão se findar os dias lentamente
de pecadores e não pecadores,
se pecado é viver entre rios sem peixe
e chaminés sem filtro e monstrimultinacionais,
onde quer que a valia
valha mais do que a vida?

Minha Santana pobre de Parnaíba,

meu dorido Bom Jesus de Pirapora,
meu infecto Anhambi de glória morta,
fostes os chamados
não para anunciar uma outra luz do dia,
mas o branco sinistro, o negro branco,
o branco sepultura do que é cor, perfume
e graça de viver, enquanto vida
ou memória de vida se consente
neste planeta enfermo.

KREEN-AKARORE

Gigante que recusas
encarar-me nos olhos,
apertar minha mão
temendo que ela seja
uma faca, um veneno,
uma tocha de incêndio;
gigante que me foges,
légua depois de légua,
e se deixo os sinais
de minha simpatia,
os destróis: tens razão.
Malgrado meu desejo
de declarar-te irmão
e contigo fruir
alegrias fraternas,
só tenho para dar-te
em turvo condomínio
o pesadelo urbano
de ferros e de fúrias
em contínuo combate
na esperança de paz
— uma paz que se esconde
e se furta e se apaga
medusada de medo,
como tu, akarore,
na espessura da mata
ou no espelho sem fala
das águas do Jarina.

AS ARCAS E OS BAÚS

Não canto
as armas e os barões assinalados.
Canto
as arcas e os baús de Minas Gerais
já sem ouro e diamantes,
sem escrituras de terras e escravos,
sem belbutinas, veludos,
chamalotes,
rendas.

Canto
as arcas e os baús despojados
de turvos segredos familiares,
mas guardando ainda e sempre
um não sei quê de eterno,
a respiração discreta, o silêncio,
a vida recolhida
dos mineiros do Setecentos,
que Iara Tupinambá, o lindo nome,
veio mostrar na Galeria Chica da Silva
recriando com flores? criando
o tempo-e-alma em forma de objeto.

TRISTE HORIZONTE

Por que não vais a Belo Horizonte? a saudade cicia
e continua, branda: Volta lá.
Tudo é belo e cantante na coleção de perfumes
das avenidas que levam ao amor,
nos espelhos de luz e penumbra onde se projetam
os puros jogos de viver.
Anda! Volta lá, volta já.
E eu respondo, carrancudo: Não.
Não voltarei para ver o que não merece ser visto,
o que merece ser esquecido, se revogado não pode ser.
Não o passado cor-de-cores fantásticas,
Belo Horizonte sorrindo púbere núbil sensual sem malícia,
lugar de ler os clássicos e amar as artes novas,
lugar muito especial pela graça do clima
e pelo gosto, que não tem preço,
de falar mal do Governo no lendário Bar do Ponto.
Cidade aberta aos estudantes do mundo inteiro, inclusive Alagoas,
"maravilha de milhares de brilhos vidrilhos"
mariodeandrademente celebrada.
Não, Mário, Belo Horizonte não era uma tolice como as outras.
Era uma provinciana saudável, de carnes leves pesseguíneas.
Era um remanso muito manso
para fugir às partes agitadas do Brasil,
sorrindo do Rio de Janeiro e de São Paulo: tão prafrentex, as duas!
e nós lá: macio-amesendados
na calma e na verde brisa irônica...

Esquecer, quero esquecer é a brutal Belo Horizonte
que se empavona sobre o corpo crucificado da primeira.
Quero não saber da traição de seus santos.
Eles a protegiam, agora protegem-se a si mesmos.
São José, no centro mesmo da cidade,
explora estacionamento de automóveis.

São José dendroclasta não deixa de pé sequer um pé de pau
onde amarrar o burrinho numa parada no caminho do Egito.
São José vai entrar feio no comércio de imóveis,
vendendo seus jardins reservados a Deus.
São Pedro instala supermercado.
Nossa Senhora das Dores,
amizade da gente na Floresta,
(vi crescer sua igreja à sombra do Padre Artur)
abre caderneta de poupança,
lojas de acessórios para carros
papelaria, aviário, pães de queijo.
Terão endoidecido esses meus santos
e a dolorida mãe de Deus?
Ou foi em nome deles que pastores
deixam de pastorear para faturar?
Não escutam a voz de Jeremias
(e é o Senhor que fala por sua boca de vergasta):
"Eu vos introduzi numa terra fértil,
e depois de lá entrardes a profanastes.
Ai dos pastores que perdem e despedaçam
o rebanho da minha pastagem!
Eis que os visitarei para castigar a esperteza de seus desígnios."

Fujo
da ignóbil visão de tendas obstruindo as alamedas do Senhor.
Tento fugir da própria cidade, reconfortar-me
em seu austero píncaro serrano.
De lá verei uma longínqua, purificada Belo Horizonte
sem escutar o rumor dos negócios abafando a litania dos fiéis.
Lá o imenso azul desenha ainda as mensagens
de esperança nos homens pacificados — os doces mineiros
que teimam em existir no caos e no tráfico.
Em vão tento a escalada.
Cassetetes e revólveres me barram
a subida que era alegria dominical de minha gente.
Proibido escalar. Proibido sentir
o ar de liberdade destes cimos,

proibido viver a selvagem intimidade destas pedras
que se vão desfazendo em forma de dinheiro.
Esta serra tem dono. Não mais a natureza
a governa. Desfaz-se, com o minério,
uma antiga aliança, um rito da cidade.
Desiste ou leva bala. Encurralados todos,
a Serra do Curral, os moradores
cá embaixo. Jeremias me avisa:
“Foi assolada toda a serra; de improviso
derrubaram minhas tendas, abateram meus pavilhões.
Vi os montes, e eis que tremiam.
E todos os outeiros estremeciam.
Olhei para a terra, e eis que estava vazia,
sem nada nada nada.”

Sossega, minha saudade. Não me cicies outra vez
o impróprio convite.
Não quero mais, não quero ver-te,
meu Triste Horizonte e destroçado amor.

RECEITUÁRIO SORTIDO

Calma.
É preciso ter calma no Brasil
calmina
calmarian
calmogen
calmovita.

Que negócio é esse de ansiedade?
Não quero ver ninguém ansioso.
O cordão dos ansiosos enfrentemos:
ansipan!
ansiotex!
ansiex ansiax ansiolax
ansiopax, amigos!

Serenidade, amor, serenidade.
Dissolve-se a seresta no sereno?
Fecha os olhos: serenium,
serenex...

Dói muito o teu dodói de alma?
Em seda e sedativo te protejas.
Sedax, meu coração,
sedolin
sedotex
sedomepril.

Meu bem, relaxe por favor.
Relaxan
relaxatil.
Batem, batem à porta? Relax-pan.

Estás tenso, meu velho?

Tenso de alta tensão, intensa, túrbida?
Atenção: tensoben
tensocron
tensocrin
tensik
tensoplisin.

Anda, cai no sono,
amigo, olha o sonix.
Como soa o sonil
sonipan sonotal
sonoasil
sonobel sonopax!

E fique aí tranquilo tranquilinho
bem tranquil
tranquilid
tranquilase
tranquilan
tranquilin
tranquix tranquiex
tranquimax
tranquisan
e mesmo tranxilene!

Estás *píssico*, talvez
de tanto desencucarem tua cuca?
Estás perplexo?
Não ouves o pipilar: psicoplex?
psicodin
psiquim
psicobiome
psicolatil?
Não sentes adejar: psicopax?

Então morre, amizade. Morre presto,

morre já, morre urgente,
antes que em drágea cápsula ampola flaconete
proves letalex
mortalin
obituaran
homicidil
thanatex thanatil
thanatipum!

JORNAL DE SERVIÇO
(LEITURA EM DIAGONAL DAS “PÁGINAS AMARELAS”)

I

Máquinas de lavar
máquinas de lixar
máquinas de furar
máquinas de curvar
máquinas de dobrar
máquinas de engarrafar
máquinas de empacotar
máquinas de ensacar
máquinas de assar
máquinas de faturamento

II

champanha por atacado
artigos orientais
institutos de beleza
metais preciosos
peleterias
salões para banquetes e festas
condimentos e molhos
botões a varejo
roupas de aluguel
tântalo

III

panelas de pressão
rolos compressores
sistemas de segurança
vigilância noturna
vigilância industrial

interruptores de circuito
iscas
encanadores
alambrados
supressão de ruídos

IV

doenças da pele
doenças do sangue
doenças do sexo
doenças vasculares
doenças das senhoras
doenças tropicais
câncer
doenças da velhice
empresas funerárias
coletores de resíduos

V

papéis transparentes
vidro fosco
gelatina copiativa
cursinhos
amortecedores
resfriamento de ar
retificadores elétricos
tesouras mecânicas
ar comprimido
cupim

VI

mourões para cerca
mudança de pianos
relógios de igreja
borboletas de passagem
cata-ventos
cintas abdominais
produtos de porco
peles cruas
peixes ornamentais
decalcomania

VII

peritos em exames de documentos
peritos em imposto de renda
preparação de papéis de casamento
representantes de papel e papelão
detetives particulares
tira-manchas
limpa-fossas
fogos de artifício
sucos especiais
ioga

VIII

anéis de carvão
anéis de formatura
purpurina
cogumelos
extinção de pelos
presentes por atacado
lantejoulas
sereias
souvenirs
soda cáustica

IX

retificação de eixos
varreduras mecânicas
expurgo de ambientes
revólver para pintura
pintores a pistola
cimento armado
guinchos
intérpretes
refugos
sebo

ATAÍDE À VENDA?

— Quanto quer pelo Ataíde?
fala ao padre lazarista
o emissário paulista
de olhar guloso na "Ceia"
que na aguda serrania
ilumina qual candeia
as ruínas do Caraça.
Dou duzentos, dou quinhentos,
oitocentos mil cruzeiros
por esse quadro... — Não, não!
— Já que estou com a mão na massa,
reforço meus *argumentos*,
ofereço-lhe um milhão.
Pintura aqui nesses altos,
na friúra desolada
destas rocas, destes longes,
não tem sentido nem vez.
Só peregrinos e monges
podem *curti-la*. Melhor
é levá-la quanto antes
para o conforto envolvente
do Palácio Bandeirantes.
— Já disse: não. — Ah, desculpe,
prefere que se desfaça
a obra de Mestre Manuel
no desgaste que lhe inflige
o dente roaz do Tempo
em sua faina cruel?
Quer ver Cristo desbotado,
carcomido, atomizado,
mancha pálida no pano?
Seus bem-amados discípulos,
sua mesa, seu pão ázimo,

sua colação simbólica,
sua postura litúrgica,
e sua mensagem mística,
sumindo, pasto de traça,
de cupim e de pobreza,
neste sem-fim do Caraça?
— Deus é grande... — Deus ajuda
a quem, esperto, madruga.
E daí, meu padre, atente
que milagre brasileiro
anda bastante vasqueiro.
Pegue logo esse dinheiro
e com ele faça obras,
obras, obras e mais obras
que a casa do Irmão Lourenço
está pedindo, e que, feitas,
serão atrativo imenso
à multidão de turistas.
Bote piscina, *playground*,
cassino — um "Monte Cassino",
bote som sofisticado
com Raquel Welch e quejandas
bailando pelas varandas!
— Jamais... — Jamais? Que pecado,
recusar a minha oferta!
Eis que outro sacerdote,
de mansinho e de oiça alerta,
já sonhando com um caixote
só de notas de quinhentos
abarrotando a arca murcha
da magra comunidade,
puxa o primo pela manga,
sussurra-lhe: — É bom negócio.
Deus decerto não se zanga,
se vige a necessidade.
Os dois discutem: — Não, não.
— Ora essa, meu irmão.

Vai-se a pintura, mas fica
a nossa vida segura.
Já se criam dois partidos
entre os padres pressionados
e já novos compradores
em enxames voadores
e propostas tentadoras
ferem o doce silêncio
em que, à tarde, ressoa
a melodia dos poemas
de Henriqueta Lisboa
sobre a vívida montanha.
Vende, não vende. Vendemos?
Que vale ter Ataíde
e não ter teto e parede?
Ser um sacrário de arte,
a mais pura arte mineira,
orgulho do nosso Estado
e da alma brasileira,
sem ter como restaurar
a velha casa de ensino
onde ensinamos a amar
as criações do passado?
Debatem os lazaristas
o grave dilema, enquanto
Manuel da Costa Ataíde
e sua tela, suprema
esperança de resgate
da indigência caracense,
viram tema de comércio.
Corre, corre, Aureliano,
vai, Conselho de Cultura,
depressa, Assembleia, vai,
salva os padres agoniados
da prontidão que os achaca,
e salvando-os, preservando-os
da mercantil ameaça,

salva a arte, salva a glória,
salva o máximo tesouro,
a riqueza que não passa:
Cristo-Ceia do Caraça!

UM BESOURO EM TODA PARTE

Besourinho escuro
de casco bronzeado,
por que vens de longe
pousar neste muro?

Novas africanas
trazes para mim?
Cifrada mensagem,
no ar, de Idi Amim?

Contas sofrimento,
cantas liberdade,
luta sempre acesa
ou turvo lamento?

Superfícies alvas,
focos de calor
te fascinam, tonto,
seja como for?

Mas quedas inerte
em minha vidraça.
Nem moves as patas.
Isso te diverte?

Vir de tão remotos
céus para ficar
abobado, alheio
à festa solar?

Turista aprendiz
e desinformado,
o vernal dezembro

não te faz feliz?

Já pelas favelas
um rio de som
desliza e deságua
por sobre o Ano Bom.

Este seu caudal
cria vibração,
e de samba e voz
faz-se carnaval.

Não voas, não bailas
na geral ciranda?
Preferes a sesta
em minha varanda?

A parar começas
os teus movimentos
qual se gasolina
te fugisse às peças?

Caíste em letargo
pensando talvez
que é vão todo esforço
neste, em qualquer mês?

A tantas perguntas
nada me respondes.
Desdenhas, calado,
todas elas juntas.

O doutor ao lado
esclarece então:
“O inseto é quietinho,
mas de muita ação.”

Quem o vê tranquilo
não sabe o poder
que ele manifesta
em voraz estilo.

No imobilismo
em que se comporta,
organiza o plano
de comer a horta.

Não corre, não pula,
mas na hora exata
ferra no jardim
o dente da gula.

Numa noite apenas,
o verdor perece,
já no chão vencido
a vagem fenece.

Adeus, lavourinha,
adeus, meu sustento.
Que me livre o céu
da praga daninha.

São dez, não quarenta,
são mil a pastar,
em silêncio e força,
quanto se plantar.

Só inseticida,
do bravo, e a Feema,
conjugados, podem
ganhar a partida.

Mas cuidado: o mal
é maior ainda

se com esse expurgo
nossa vida finda.

Poluição? Inseto?
Por que risco optar?
Hesito, e um bichinho
vejo lá no teto.

Vejo-o nas cortinas,
vejo-o nas paredes.
Vê-o meu vizinho
na sua Mercedes.

Na blusa do broto
e na sua tanga,
joia, dependura-se
o inseto maroto.

No austero papel
da burocracia,
no prato de arroz,
ele passa o dia.

Na vida da gente,
parado ou roendo,
o escuro bichinho
reina, indiferente.

OS MARCADOS

A CASA DE HELENA

Russa translúcida de sorriso tímido
(assim a contemplo na retrovisão da lembrança),
Helena 1929 enfrenta os poderes burocráticos.
Suavemente,
instaura em Minas o seu sonho-reflexão.

Moças normalistas rodeiam Helena.
Traz um sinal novo para gente nova.
Ensina
a ver diferente a criança,
a descobrir na criança
uma luz recoberta por cinzas e costumes,
e nas mais carentes e solitárias revela
o princípio de vida ansioso de sol.

Helena é talvez uma fada eslava
que estudou psicologia
para não fazer encantamentos; só para viajar
o território da infância e ir mapeando
suas ilhas, cavernas, florestas labirínticas,
de onde, na escuridão, desfere o pássaro
— surpresa —
melodia jamais ouvida antes.

Helena reúne
os que não se conformam com a vida estagnada
e os mandamentos da educação de mármore.
Leva com eles para o campo
uma ideia-sentimento
que faz liga com as árvores
as águas
os ventos
os animais

o espaço ilimitado de esperança.

Fazenda do Rosário: a fazendeira
alma de Minas se renova
em graça e amor, sem juros,
amor ciente de seus fins
de liberdade e criação.
E essa pastora magra, quase um sopro,
uma folha talvez (ou uma centelha
que não se apaga nunca?) vai pensando
outras formas de abrir, no chão pedrento,
o caminho de paz para o futuro.

Helena sonha o mundo de amanhã,
recuado sempre, mas factível
e em mínimas sementes concentrado:
estes garotos pensativos,
esse outro ali, inquieto, a modelar
engenharias espaciais com mão canhota,
aquele mais além, que se revolta
procurando a si mesmo, e não se encontra
no quadro bitolado dos contentes.
Viajantes sem pouso
no albergue corriqueiro,
Helena os chama e diz: Vou ajudá-los.

Não presidente, não ministro,
aos 80 anos dirige um mundo-em-ser.
A casa de Helena é a casa de daqui a 20 anos,
de daqui a 50, ao incontável.
Casa pousada em nós, em nosso sangue.
Podemos torná-la real: o risco de Helena
fica estampado na consciência.
E quando Helena 1974 se cala
na aparência mortal,
seu risco viçoso e alegre e delicado perdura,
lição de Helena Antipoff mineira universal.

PEDRO NAVA A PARTIR DO NOME

Nava
campo raso planície intermontana
onde os Nava plantaram seu brasão
Ponti di Nava
Nava del Rey
de chocolate e vinho incandescentes
Navas de Oviedo
manando água sulfúrea sob o olhar
de romanos de pés dominadores
Navas de Tolosa
onde os reis de Navarra, de Castela e de Aragão
dobraram para sempre
a cerviz dos almóadas
Navarino enseada helênica
de que partem os bélicos navarcos
em naves agressivas

Navarre
colégio douto modelando
o menino Bossuet, o garoto Richelieu
navajos
confinando a glória antiga nas reservas
de papel passado e desprezado pelos brancos
e nos filmes ferozes de Hollywood
Navarrete
(Domingo Hernandez) obstinado
teólogo debatedor de ritos chineses
Nava
navio sulcando europas maranhões
cearás alencarinos
cruzando mares de serras e cerrados
até chegar à angra tranquila
de Juiz de Fora

onde a 5 de julho de 1903
desembarca o infante Pedro Nava.

Nava
o novo sentido da palavra
agora poesia
de distintas maneiras naviexpressa
em verso múltiplo, eis salta do verbo
para navianimar membros rígidos inertes
de gente sofredora
e reacender-lhes o ritmo do gesto
no baile de viver.
Versa depois outro caminho e cria
na superfície nívea as formas coloridas
do objeto pictórico
assim como quem não quer, mas tão sabido
que a arte o denuncia em toda parte,
e regressando ao porto de partida
navioceanigráfico navega
a descobrir tesouros submersos insuspeitados
no mais fundo da língua portuguesa.

Nava navipoeta
naviprosista
que a névoa do tempo descerrando
exibe ao nosso pasmo
as navetas de prata da memória
onde em linhas de nuvem se condensam
os externos e internos movimentos
do corpo brasileiro repartido
em clãs, em escrituras, em sussurros
de alcova, que, navissutil,
Nava recolhe e grava:
sensível retrato do Brasil
pulsando em navicinza do passado.

Nava

fugindo n’alva dos setent’anos.

EM LOUVOR DE MESTRE AIRES

Ó Aires dos ares bons,
Aires da mata
da linguagem
e do machado que não mata,
mas desbasta e aparelha
a fina palavra diamantina,
palavra certa,
que uma abraçada a outra vai formando
festa floral, floresta
de bem escrever
(ou bem pensar),
Aires faiscador
das últimas pedras musicais do Tijuco,
Aires dicionário
sem empáfia, sem ares, maneiro
mineiro ladino
que soubeste ver no Tiradentes
o único herói possível
— herói humano —
e na fala do povo,
no mistério dos ritos,
no arco-íris das serras
captaste
o ar, a alma de Minas,
ó Aires
da verde mata
do machado de prata portuguesa
legítima
onde se oculta um brilhante
com todos os fogos tranquilos
da sabedoria,
mestre Aires, recebe meus saudares.

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT
10 ANOS DEPOIS

Veleja o poeta em mar desconhecido?
Bebe de novo em invisível fonte?
Schmidt inquieto, nunca adormecido,
brinca talvez na linha do horizonte.

PERDA

Os peões, os seringueiros, os pescadores de surubim,
os canoeiros, as baianas do acarajé,
os ervateiros do Sul, os carreiros paraibanos,
as rendeiras sentadas, cachimbando e tecendo,
o vendedor aquático de açaí, os índios,
a gente que trabalha nos mundos do Brasil,
os bois de Mato Grosso, os cavalos do pampa,
os jacarés esculpidos n'água de Marajó
e
as vitórias-régias, os carnaubais,
os a perder de vista canaviais que o vento acaricia,
as plantas, as pedras, as paisagens
e
os pertences da casa, as roupas de couro, os arreios,
o viver geral e humilde,
a terra brasileira em seus infinitos
matizes e vivências,
tudo quedou triste, sem ruído:
morreu Percy Lau, que desenhava o Brasil.

MURILO MENDES HOJE/ AMANHÃ

O poeta elabora sua personagem,
nela passa a viver como em casa natal.
E não é a casa natal?

Faz a caiação da personagem,
cobre-a de azul celeste e púrpura de escândalo,
adorna-a de talha de ouro e asas barrocas,
burila-a, murila-a
(alfaiate de Deus talhando para si mesmo),
viaja com ela pelo universo.

O poeta cavalga o mito em pelo
— é o verso dele que informa.
Dirige-se com rédeas cristalinas
de razão mineira — incendiada? —
mas sempre vigente.
O caos toma sentido
visto da janela cosmorâmica
onde ele se debruça
para dentro para fora para o alto
para o fundo
para a organização do delírio
em código de poesia.

Criador manipulador participante
do espetáculo
ele próprio é o espetáculo em seus belos dias
de confidente de Mozart,
ouvindo de olhos fechados, e impondo silêncio,
o que só em silêncio desabrocha,
para sair depois, com o guarda-chuva do Quixote,
em guerra contra a burguesia e seus moinhos
literoprovinciais.

Peregrino europeu de Juiz de Fora,
telemissor de murilogramas e grafitos,
instaura na palavra o seu império.
(*A palavra nasce-me*
fere-me
mata-me
coisa-me
ressuscita-me)

Torre corcunda de Pisa ou de Babel
de gritos, de visões, de enigmas rutilantes
afinal subjugados à sentença
de um mural espanhol:
Deus trágico;
de uma fonte romana:
Deus pagão;
do sentimento plástico de Deus
refratado na invenção de seus secretários-artistas.

O ponto de vista anedótico,
a história sarcástica do Brasil,
Jandiras e Clotildes cariocas,
tudo desaparece em névoa de terceiro plano
para revelar o poeta
e sua depurada personagem
em completa realidade.

Ei-lo declarando, pelo verbo de Ungaretti:
Non sarai un antenato
per non avare avuto figli.
Sarai sempre futuro per i poeti.

Não só por isso. Por ter sido futuro, entre passados
e estagnados:
futuro intensamente, poeta
a nascer amanhã, sempre amanhã.

A LÚCIO CARDOSO
(NA CASA DE SAÚDE)

Entre visitas que perguntam,
no corredor, por tua vida
de artista recolhido à noite
sensorial, entre os amigos
que se inclinam preocupados
sobre a cisterna e não distinguem
teu reflexo brilhar no fundo,
entre os mais próximos e diletos
— não estou eu, porém de longe
mais perto me sinto e decifro
melhor teu perfil na sombra,
e perfil não só: tudo mais
que deu sentido a teu chamado
à rua dos homens: palavras
tramadas em papel, soando
em palco, problemas falantes,
movediços em preto e branco,
projeção em tela ou parede,
em cor quase som, mensagens
da mais subterrânea estação,
espectrais retratos do ser
para além de radiografias,
e um hálito de amor pedindo
espaços claros, praias de ouro
que se vão modelando em sonho
acordado, escrito, pintado.
Respiras, falas, comunicas-te
à revelia do corpo enfermo,
em tudo que é sinal. Contemplo
tua vida primeira e plena
a circular, transfigurada,
ó criador, entre vazios

sótãos de casa assassinada.

TRAÇOS DO POETA

Dantas Mota, profeta, e voz de rio
no curso do Oriente ou de Aiuruoca,
mineiramente amarga e transparente
para quem sabe ouvir, e que provoca

a poesia, onde quer que ela, pulsando,
seja signo de amor ou de protesto,
Dantas Mota, raiz de fundo alcance,
milho de ouro em paiol, bíblica festa

de fraterno sentir e revelar
as doídas verdades esquecidas,
as candeias, os lumes abafados,

o soluço travado na garganta
e o mais que se pressente, mas oculta-se
nos subúrbios longínquos da esperança.

LEMBRANÇA DE PORTINARI

O universo de Portinari,
se às vezes dói, sempre fulgura:
entrelaça, como num verso,
o que é humano ao que é pintura.

A FALTA DE ERICO VERISSIMO

Falta alguma coisa no Brasil
depois da noite de sexta-feira.
Falta aquele homem no escritório
a tirar da máquina elétrica
o destino dos seres,
a explicação antiga da terra.

Falta uma tristeza de menino bom
caminhando entre adultos
na esperança da justiça
que tarda — como tarda!
a clarear o mundo.

Falta um boné, aquele jeito manso,
aquela ternura contida, óleo
a derramar-se lentamente.
Falta o casal passeando no trigal.

Falta um solo de clarineta.

FRUTUOSO VIANA

Era pequeno, era elegante, era discreto.
Não fez barulho na travessia terrestre.
Deixou apenas
um rastro de música apuradíssima.

ALAGADOS DA BAHIA

Casebres à flor d'água
balançam
no silêncio
o sonho de viver
o sonho de morrer.

Jenner Augusto sobre a água
sob o céu violeta
sob o céu de chumbo
lê o horóscopo das criaturas
que nos alagados
morrem sem viver.

A UM CONTEMPORÂNEO

I — *O SÁBIO SORRISO*

Alceu e Tristão: o nome
e o pseudônimo ensinam
uma unidade de alma
na unidade do amor.

Pois é o amor unidade
multiplicada, e a vida
quando se recolhe aos livros
é para voltar mais vida.

Em 50 anos de letras
uma flor desenha as pétalas
de amoroso convívio:
o homem livre e ligado.

Livre e ligado a seu próximo
na larga avenida humana
em que beleza e justiça
fazem da espera esperança.

Tristão e Alceu: a mesma
fiel cristalinidade:
uma criança sorrindo
no sábio à sombra de Deus.

II — *ALCEU NA SAFIRA DOS OITENT'ANOS*

E chega o momento de olhar para o amigo
devagar, bem nos olhos
e sorrir para ele, sem dizer

nenhum desses vanilóquios de todo dia.
Dizemos alguma coisa para a fonte?
Alguma coisa para o ar?
Chega o momento de sentir
o amigo em estado de natureza,
e toda a limpidez
e toda a transparência
da alma se projeta
no que parece um vulto e é uma essência.

Alceu da Casa Azul do Cosme Velho,
onde ricocheteavam as “balas de Floriano”
na Revolta da Armada
sem que a paz do jardim se anuviasse.
Alceu menino penetrando
a mina profunda e sinuosa do morro
como depois penetraria as almas
ansiosas de verdade,
essa alguma verdade pelo menos
que nossos dedos tentam alcançar
entre liquens, lagartos, seixos-navalha.
“Sou um terrível
(guardo tua palavra de há 40 anos)
pesquisador de almas.
Amo as almas como o avarento
ama suas moedas.
Ainda não cheguei à caridade
de amá-las por amor, só por amor,
amo-as por avidez do mistério,
insatisfação do que já sei,
do que já vi e desfolhei.”

A mina desemboca
no ponto matinal
em que a luz espadana
sobre a frente e o dorso da vida.
Alceu, chegaste às cores da manhã

no alto do Corcovado
sobre a cidade dos homens confusos,
sobre as suas rixas e descaminhos,
suas angústias disfarçadas em dança e tóxico,
suas esperanças machucadas,
suas frustrações latejantes na mudez,
a cidade geral — o mundo é uma cidade,
uma aldeia global, a casa em crise.

Na claridade que te envolve
és cada vez menos uma pessoa,
estátua bordada, professor
supostamente aposentado,
com CPF, cartão do IFP,
domiciliado entre palmeiras.
És cada vez, cada vez mais
o pensamento aberto
à comunicação dos seres pelo amor
que exclui injustiça e as formas todas
de inumano tornar o ser humano.

Alceu, fiel ao nome
do cantor de Mitilene que à alegria
juntava o amor à liberdade,
e ensinas a maravilhosa devoção
do homem a seu destino criador,
sem as peias do medo e as farpas do ódio.
Alceu, amigo de fitar nos olhos
como se fita na árvore antiga
o primeiro verdor de sombra e sumo.

Alceu jovial e forte
— força de testemunhar, e proclamar
o que filtrado foi na consciência,
Alceu fraterno e puro, na safira
dos oitent'anos,

na graça
da vida plena,
que é doação e luta e paz no coração.

UMA FLOR PARA DI CAVALCANTI

Esta é uma flor para Di,
uma flor em forma di-
ferente: de flor-mulher,
desabrochada onde quer
que exista amor e verão.
Verão como a cor cinti-
la nas curvas, e sorri
nesse púrpuro arrebol
que Di tirou do seu Ri-
o coado de mel e sol.
Uma flor-pintura, zi-
nindo o canto de amor
que acompanhou toda a vi-
da o pincel, o gozo-dor
de criar e de sentir, di-
-vina e tão sensual ração
que coube, na Terra, a Di.

MANUEL BANDEIRA FAZ NOVENT'ANOS

Oi, poeta!
Do lado de lá, na moita, hem?, fazendo seus novent'anos...
E se rindo, eu aposto, dessa bobagem de contar tempo,
de colar números na veste inconsútil do tempo, o inumerável,
o vazio-repleto, o infinito onde seres e coisas
nascem, renascem, embaralham-se, trocam-se,
com intervalos de sono maior, a que, sem precisão científica, chamamos de morte.
Mas bem que gostavas de fazer anos, lembras-te?
de tirar retrato, de beijar moçoilas flóreas, de rir
um riso que filtrava todas as salsugens da experiência e do desencanto,
e não era ácido, era indulgente/infantil, era sumo da suma:
como pesa a alma, como é leve o corpo,
mesmo visitado de mortais micróbios!

Sempre respeitei teus silêncios-pigarro
e seus corredores frios.
Parava diante da campainha
sem saber: toco?
surpreendo?
pergunto, de gravador?
Hoje me sobe o desejo
de saber o que fazes, como,
onde:
em que verbo te exprimes, se há verbo?
em que forma de poesia, se há poesia,
versejas?
em que amor te agasalhas, se há amor?
em que deus te instalas, se há deus?

Que lado, poeta, é o lado de lá,
não me dirás, em confiança?
Como passas as manhãs,

a cor qual é de teu dia,
como anoiteces? (Perdoa
falar-te em termos horários,
sobre a extradimensão sem relógios.
Vezo terrestre.) Sorris.
Sorriso-tosse,
com reticências. Desisto.

É aqui, neste agora, no teu livro
que te encontro:
Manuel, profundamente,
poeta de vastas solidões
desabrochadas em curta, embaladora
(como esquecê-la?) surdinada canção.

Manuel canção de câmara, Manuel
canção de quarto e beco,
ritmo de cama e boca
de homem e mulher colados no arrepio
do eterno transitório: traduziste
para nós a tristeza de possuir e de lembrar,
a de não possuir e de lembrar,
a de passar,
mescla do que foi, do que seria,
simultaneamente projetados
na mesma tela branca de episódios
— em nós, vaga, soprada cinza,
em ti, o sopro intenso de poesia.

Isto nos deste, verso a verso,
e só depois o soubemos claramente,
na leitura da luz da vida inteira.
Foste nosso poeta, doaste som
de piano e violão e flauta ao sentimento
esparso, convulsivo, dos amantes,
dos doentes, dos fracos, dos meninos,
dos sozinhos, na praça ou sanatório:

Manuel-muitos-irmãos no gesto seco.

Novent'anos, será? ou és menino
também e para sempre
agora que viveste a dor da vida
e sorris no mais longe Pernambuco?

FOLHEANDO *DISEGNI*, DE KANTOR

Kantor:
o desenho torna-se modo de possuir as coisas
o desenho torna-se modo de absorver a coisa
o desenho torna-se modo de viver a coisa
o desenho torna-se modo de oferecer a coisa
em sua realidade não circunstancial.

Kantor:
a palavra torna-se a última projeção do desenho
a palavra transporta o desenho para o sentimento do desenho
a palavra incorpora-se ao desenho
a coisa o desenho a palavra
fundem-se em generosa radiação.

Kantor:
invade o país dos signos e deles faz sua mansão.

A ABGAR RENAULT

A contagem de tempo
do poeta
não é a do relógio
nem a da folhinha.
É amadurecer de poemas
a envolvê-lo e tirar-lhe
toda marca de tempo
de folhinha
e relógio
e a situá-lo
na franja além do tempo
onde paira o sentido
a razão última das coisas
imersas de poesia.

A LOURDES E CASSIANO RICARDO

No jardim cassiano
a florida acácia
de cassa vestida
  translúcida
luz de lourdes lua
  luaramar

EXERCITIA, DE JOSÉ GERALDO NOGUEIRA MOUTINHO

A procura do número
na lição de Agostinho
e o encontro da poesia
no Oriente deserto
(*sans ennui*)
na escala de Alcavala
na maçã de Cézanne
— flecha em voo andorinho —
tudo revela a arte,
o engenho, a fina parte
da lucidez no sonho
de Nogueira Moutinho.

O NARIZ DO MORTO

— Olha. *O nariz do morto*! — que nariz
e que morto? Que piada mais sem graça
é esta? — Não, senhor. É o Vilaça
(Antônio Carlos) com seu livro duro
e triste, machucante — almofariz
em que mói a si próprio e se destrói,
para ressuscitar ainda à procura
de seu rumo, indefesa criatura
solta ao vento da vida. Quer a paz?
Quer a guerra interior, ou foge dela?
Entre cacos de vida, Sigismundo,
numa doçura mista de amargor,
de letras e leituras faz seu mundo.
Há de salvá-lo não a fé; talvez
o raio impressentido de um amor.

A PAISAGEM NO LIMITE

Este mundo não existente
existe, sim, hoje fundado
por Maria Teresa Vieira:
uma proposta de alegria,
de comunhão em cores altas,
de vida atenta à vibração
de cristalinos sinos mágicos.
Suas paisagens são províncias
esperando nossa visita:
florescentes longe do tédio,
da violência e do desamor,
no limite pairam do sonho,
onde novo real se inaugura
no coração mesmo da cor.

VISÃO DE CLARICE LISPECTOR

Clarice
veio de um mistério, partiu para outro.

Ficamos sem saber a essência do mistério.
Ou o mistério não era essencial,
era Clarice viajando nele.

Era Clarice bulindo no fundo mais fundo,
onde a palavra parece encontrar
sua razão de ser, e retratar o homem.

O que Clarice disse, o que Clarice
viveu por nós em forma de história
em forma de sonho de história
em forma de sonho de sonho de história
(no meio havia uma barata
ou um anjo?)
não sabemos repetir nem inventar.
São coisas, são joias particulares de Clarice
que usamos de empréstimo, ela dona de tudo.

Clarice não foi um lugar-comum,
carteira de identidade, retrato.
De Chirico a pintou? Pois sim.
O mais puro retrato de Clarice
só se pode encontrá-lo atrás da nuvem
que o avião cortou, não se percebe mais.

De Clarice guardamos gestos. Gestos,
tentativas de Clarice sair de Clarice
para ser igual a nós todos
em cortesia, cuidados, providências.
Clarice não saiu, mesmo sorrindo.

Dentro dela
o que havia de salões, escadarias,
tetos fosforescentes, longas estepes,
zimbórios, pontes do Recife em bruma envoltas,
formava um país, o país onde Clarice
vivia, só e ardente, construindo fábulas.

Não podíamos reter Clarice em nosso chão
salpicado de compromissos. Os papéis,
os cumprimentos falavam em agora,
edições, possíveis coquetéis
à beira do abismo.
Levitando acima do abismo Clarice riscava
um sulco rubro e cinza no ar e fascinava.

Fascinava-nos, apenas.
Deixamos para compreendê-la mais tarde.
Mais tarde, um dia... saberemos amar Clarice.

UM LÍRIO, POR ACASO

E de repente Santa Teresinha
— quem diria? — faz 100 anos.
Ela que tem sempre 24
nas estampas dos *gay twenties*.

Santa do modernismo brasileiro,
do altar particular de Ribeiro Couto,
a quem curaste de tuberculose,
a tuberculose de que morreste,
santa invocada por Manuel Bandeira:
"Santa Teresa, não, Teresinha.
Teresinha do Menino Jesus.
Me dá alegria!"
Não o atendeste, amiga Teresinha...

O poeta se queixava:
"Fiz tantos versos a Teresinha...
Versos tão tristes nunca se viu!
Pedi-lhe coisas. O que eu pedia
era tão pouco! Não era glória...
Nem era amores... Nem foi dinheiro...
Pedia apenas mais alegria:
Santa Teresa nunca me ouviu!"

A ti nada pedi, mas simpatizava
com teu jeito simples de ser santa
do nosso tempo de incredulidade,
tempo de ciências exatas, Marx, anarquismo.
(Os ateus brasileiros levam sempre um santinho no bolso,
nossos comunas quando morrem, a família reza missa
de sétimo dia e de trigésimo.)
Simpatizava, simpatizava contigo
lendo tua autobiografia na tradução do padre Lochu

antes que me expulsassem do colégio
com a aprovação do próprio tradutor.

Naquele tempo
as autobiografias dos santos eram censuradas
e eu não sabia que foste
carmelitanamente precursora
do feminismo:
“Ah, pobres mulheres, tão desprezadas!
A todo instante nos proíbem:
Não faça isto, não faça aquilo,
e ameaçam excomungar-nos...”
Suave santa brasileira
por graça do diminutivo
que te fazia baiana, carioca, uberabense
(quem ousou um dia falar Santa Isabelinha, Santa Margaridinha?),
muito mais próxima de nós, em Lisieux,
do que a filha de Capistrano clausurada
ali no Morro,
e tão novinha
que dava oportunidade de dizer
a um senhor de 60 anos, na Avenida:
“Esta santa, mais moça do que eu...”
Então podemos todos ser santos?
Os santos não são apenas medievais,
predestinadíssimos, raríssimos,
para realçar ainda mais
nossa impossibilidade de pureza
ou para resgatá-la?

Vez ou outra eu ruminava essas coisas
enquanto ia chafurdando e esquecendo
a nostalgia de ter tido
o desejo, não digo de ser santo,
mas apenas o franciscano encapuzado
que assiste ao enterro do Conde de Orgaz
junto de Santo Agostinho e Santo Estêvão

na tela fantástica do Greco,
ou um dos pescadores no políptico de São Vicente,
de Nuno Gonçalves ou Hugo van der Goes, que sei eu,
aquele pescador quase de bruços
no painel da esquerda.

Já nem sei, minha santa,
qual o teu papel na Igreja contestante
de setenta,
és talvez, tão bonita, tão menina,
frágil demais para o serviço que se exige
do novo Cristo combatente,
mas a doçura não é arma também,
a seu tempo e seu modo, no combate?

Reparo agora,
já não és menina, és centenária,
ou assim te conta o tempo a vida breve,
e tenho de chamar-te vovozinha,
vovozinha Teresa do Carmelo,
de mel no nome e de ternura acesa
no coração de um distraído agnóstico,
ao abrir o jornal e nele ver
três linhas com teu nome,
entre os nomes de Hanói e de Manágua,
como um lírio nascido por acaso.

JOAN CRAWFORD: *IN MEMORIAM*

No firmamento apagado
não luciluzem mais estrelas de cinema.
Greta Garbo
passeia incógnita a solidão de sua solitude.
Marlene Dietrich
quebrou a perna mítica de valquíria.
Joan Crawford,
produtora de refrigerantes, o coração a matou.
O cinema é uma fábula de antigamente
(ontem passou a ser antigamente)
contada por arqueólogos de sonho, em estilo didático,
a jovens ouvintes que pensam em outra coisa.
O nome perdura. Também é outra coisa.
Tudo é outra coisa, depois que envelhecemos.
E não há mais deusas e deuses. Há figurinhas
móveis, falantes, coloridas, projetadas
no interior da casa. Não saem nunca mais,
enquanto se esvazia o céu da Grécia
dentro de nós — azul já negro, ou neutra-cor.
Joan, não beberei por ti, à guisa de luto,
nenhum líquido fácil e moderno.
Sorvo tua lembrança
a lentos goles.

POSTAL PARA CATHERINE

Paris pede postais
para Catherine.
Rápido, que a menina
espera no hospital.
Comprem no jornaleiro da esquina
lagoas e corcovados
escrevam do outro lado
um beijo
mandem para Catherine
à morte no hospital.
Ela quer ver o mundo
pintado de outra cor
não branco de parede
o branco desolado
sem qualquer imagem.
Telefonem para Minas
peçam postais de serras
pairando no fim do azul,
de estalactites, vacas
pastando sonho na campina.
Pinheiros-do-paraná saúdem
verticalmente Catherine.
A flor mais triunfal
aberta em bandeja sobre a água
siga do Norte para Catherine.
Coqueiral do Nordeste,
rumo a Paris onde a garota
viaja imóvel
vendo passar a Terra
plastificada em postal.
Canoa de Búzios
alpendre missioneiro do Rio Grande
talha de ouro da Bahia

procissões de navegantes
frevos, rodas de samba
gostocor do Brasil
ao natural
saltos, corredeiras
correi de avião para perto
da cama numerada de Catherine
a que vai morrer e olha
para longe do número
o espetáculo em flor
da vida no postal.
(O postal seleciona
o que vale ser visto
pela que diz adeus
à vida no geral.
Nada de imagem rude
em clichê de jornal
mostrando em branco e preto
o que já se adivinha
no quadrado do quarto
de hospital.)
Catherine morrendo
leva consigo a antologia
de sítios amoráveis
ilhas de prazer
e verduras felizes
(o capricho de Deus)
entre festas ingênuas
que celebram a vida
e a graça de viver
(o capricho do homem).
Empresa dos Correios,
não atrase a remessa
da chuva de postais
à menina, que o prazo
que a leucemia abriu
aos olhos esperantes

é um prazo fatal.
... A Cacilda aqui perto
de nós e sem olhar
que fale de um desejo,
sem voz que nos devolva
as suas trinta vidas
de trinta personagens
no quarto angustiado
à espera de Godot
à espera da esperança,
que daremos senão
amor amor em pânico
se ela não pede nada?

A VOZ

O Brasil tem muitas Aparecidas.
Tem Aparecida de Goiânia e de Goiás.
Tem Aparecida de Minas e do Oeste, no Paraná.
Tem Aparecida do Tabuado, em Mato Grosso,
e tantas outras, onde quer que a fé provoque aparições.
Tem sobretudo Aparecida de São Paulo,
onde uma santa apareceu nas águas do rio
e era uma santa negra do barro e do limo das profundezas do rio.
Pescadores a trouxeram, um altar a recolheu.
E há mais de dois séculos Nossa Senhora da Conceição
distribui milagres entre os humildes e os poderosos,
igualmente necessitados de milagre.

Maria d'Aparecida, não vieste das águas do rio.
Vieste de mais longe,
de um mais profundo abismo de raça e de sonho.
Tua voz caminheira
nos conta do que paira além da ciência dos Conservatórios
e do tratamento operístico da vida.
É uma voz que vem das entranhas do vento e dos coqueirais,
do sigilo dos minérios e das formações vulcânicas do amor.
Terrestre. Telúrica. Mulher.
Tua voz, d'Aparecida, é aparição
fulgurante, sensitiva, dramática
e vem do fundo nigroluminoso de nossos corações
e vai, e volta, e vai.
Maria d'Aparecida do Brasil,
aparecedoramente cantaril.

A AFONSO ARINOS, SETENTÃO

Afonso, que brincadeira!
Ontem, no Colégio Arnaldo,
garotinho irresponsável;
hoje, em teus setenta anos,
verbete de enciclopédia...

E que bonito verbete,
que página além da página,
esse teu sulco profundo
na história silenciosa
de nossa gente (a outra história,
feita de noites-vigília
no escritório-oficina
de soluções e de rumos
para o instante desvairado).

Renitente praticante
de ofícios entrelaçados:
o de servidor de ideias
e o de servidor do povo,
o povo que, desconfio,
mal pode saber ainda
o que por ele tu fazes
armado só de palavra,
entre leis estraçalhadas,
esperanças malogradas
e sinais de mundo novo
rogando decifração.

Afonso, o da claridade
de pensamento, o de espírito
preocupado em riscar
passarelas de convívio

por entre irmãos divididos
e malquerenças rochosas
no território confuso:
Afonso, que bela vida
a vida nem sempre aberta
às sonatas da vitória!

Ser derrotado quem sabe
se é raiz amargosa
de triunfo intemporal?
O tempo, esse boiadeiro
de botas lentas e longas,
vai pisando na estrumeira
do curral, vai caminhando,
vai dando voltas na estrada,
alheio a cupins e onças,
pulando cercas de farpa,
vadeando rios espessos
até chegar ao planalto,
ao maralto, ao alto-lá
onde tudo se ilumina
ao julgamento da História.

Afonso, meu combatente
do direito e da justiça,
nosso exato professor
do direito mais precário
(o tal constitucional),
Afonso, *galantuomo*
que tens duas namoradas:
Anáh, de sempre, e essa outra
exigentíssima dama
que chamamos Liberdade,
Afonso, que vi xingado
de fascista e de outros nomes
que só a burrice inventa,
quando por sinal voltavas

de torva delegacia
aonde foste interceder
em momentos noturnais
pelos que iam xingar-te...

Mas o pico de viver
está justamente nisto
que bem soubeste ensinar-nos
combinar ternura e *humour*,
amenidade, puerícia
nos intervalos de luta.
E não disseste que doido
no fundo é todo mineiro
sob a neutra vestimenta
da mais sensata aparência?
Não disse Ribeiro Couto,
em breve arrufo amical,
que ouviu do Dr. Afrânio:
"Esse menino é maluco"?

Maluco, salve, o maluco,
o poeta mariliano,
o mirone de Ouro Preto,
cantor da barra do dia,
revelador do passado
em sua íntima verdade,
renovador de caminhos
de nossas letras e artes,
derrubador de odiosas
linhas de cor e prejuízo
(irmãos de pele diversa
já podem sentar-se à mesa
nacional, a teu chamado),
criador de nova atitude
do País perante os grandes,
humano e humanista Afonso,
salve, maluco!, te amamos.

SÃO SEBASTIÃO E PECADORES DO RIO DE JANEIRO

RETRATO DE UMA CIDADE

I

Tem nome de rio esta cidade
onde brincam os rios de esconder.
Cidade feita de montanha
em casamento indissolúvel
com o mar.

Aqui
amanhece como em qualquer parte do mundo,
mas vibra o sentimento
de que as coisas se amaram durante a noite.

As coisas se amaram. E despertam
mais jovens, com apetite de viver
os jogos de luz na espuma,
o topázio do sol na folhagem,
a irisação da hora
na areia desdobrada até o limite do olhar.

Formas adolescentes ou maduras
recortam-se em escultura de água borrifada.
Um riso claro, que vem de antes da Grécia
(vem do instinto)
coroa a sarabanda à beira-mar.
Repara, repara neste corpo
que é flor no ato de florir
entre barraca e prancha de *surf*,
luxuosamente flor, gratuitamente flor
ofertada à vista de quem passa
no ato de ver e não colher.

II

Eis que um frenesi ganha este povo,
risca o asfalto da avenida, fere o ar.
O Rio toma forma de sambista.
É puro carnaval, loucura mansa,
a reboar no canto de mil bocas,
de dez mil, de trinta mil, de cem mil bocas,
no ritual de entrega a um deus amigo,
deus veloz que passa e deixa
rastro de música no espaço
para o resto do ano.

E não se esgota o impulso da cidade
na festa colorida. Outra festa se estende
por todo o corpo ardente dos subúrbios
até o mármore e o *fumé*
de sofisticados, burgueses edifícios:
uma paixão:
  a bola
      o drible
          o chute
              o gol
no estádio-templo que celebra
os nervosos ofícios anuais
do Campeonato.

Cristo, uma estátua? Uma presença,
do alto, não dos astros,
mas do Corcovado, bem mais perto
da humana contingência,
preside ao viver geral, sem muito esforço,
pois é lei carioca
(ou destino carioca, tanto faz)
misturar tristeza, amor e som,
trabalho, piada, loteria
na mesma concha do momento

que é preciso lamber até a última
gota de mel e nervos, plenamente.

A sensualidade esvoaçante,
em caminhos de sombra e ao dia claro
de colinas e angras,
no ar tropical infunde a essência
de redondas volúpias repartidas.
Em torno de mulher
o sistema de gestos e de vozes
vai-se tecendo. E vai-se definindo
a alma do Rio: vê mulher em tudo.
Na curva dos jardins, no talhe esbelto
do coqueiro, na torre circular,
no perfil do morro e no fluir da água,
mulher mulher mulher mulher mulher.

III

Cada cidade tem sua linguagem
nas dobras da linguagem transparente.
Pula
do cofre da gíria uma riqueza,
do Rio apenas, de mais nenhum Brasil.
Diamantes-minuto, palavras
cintilam por toda parte, num relâmpago,
e se apagam. Morre na rua a ondulação
do signo irônico.
Já outros vêm saltando em profusão.
Este Rio...
Este fingir que nada é sério, nada, nada,
e no fundo guardar o religioso
terror, sacro fervor
que vai de Ogum e Iemanjá ao Menino Jesus de Praga,
e no altar barroco ou no terreiro
consagra a mesma vela acesa,

a mesma rosa branca, a mesma palma
à Divindade longe.

Este Rio peralta!
Rio dengoso, erótico, fraterno,
aberto ao mundo, laranja
de cinquenta sabores diferentes
(alguns amargos, por que não?),
laranja toda em chama, sumarenta
de amor.

Repara, repara nas nuvens; vão desatando
bandeiras de púrpura e violeta
sobre os montes e o mar.
Anoitece no Rio. A noite é luz sonhando.

ELEGIA CARIOCA

Nesta cidade vivo há 40 anos
há 40 anos vivo esta cidade
a cidade me vive há 40 anos

Sou testemunha
cúmplice
objeto
triturado confuso agradecido nostálgico
Onde está, que fugiu, minha Avenida Rio Branco
espacial verdolenga baunilhada
eterna como éramos eternos
entre duas guerras próximas?
O Café Belas Artes onde está?
E as francesas do bar do Palace Hotel
e os olhos de vermute que as despiam
no crepúsculo ouro-lilás de 34?

Estou rico de passarelas e vivências
túneis nos morros e cá dentro multiplicam-se
rumo a barras-além-da-tijuca imperscrutáveis
Sou todo uma engenharia em movimento
já não tenho pernas: motor
ligado pifado recalcitrante
projeto
algarismo sigla perfuração
na cidade código

Onde estão Rodrigo, Aníbal e Manuel,
Otávio, Eneida, Candinho, em que Galeão
Gastão espera o jato da Amazônia?
Marco encontros que não se realizam
na abolida José Olympio de Ouvidor
Ficou, é certo, a espelharia da Colombo

mas tenho que tomar café em pé
e só Ary preserva os ritos
da descuidada prosa companheira
Padeiros entregam a domicílio
o pão quentinho da alegria
o bonde leva amizades motorneiras
as casas de morar deixam-se morar
sem ambição de um dia se tornarem
tours d'ivoire entre barracos sórdidos
o rádio espalha no ar Carmem Miranda
a Câmara discursa
os maiôs revelam 50%
mas prometem bonificações sucessivas
O Brasil será redimido pelo socialismo utópico
Getúlio sorri, baforando o charutão.
Rio diverso múltiplo
desordenado sob tantos planos
ordenadores desfigurados geniais
ferido nas encostas
poluído nas fontes e nas ondas
Rio onde viver é uma promissória sempre renovada
e o sol da praia paga nossas dívidas
de classe média
enquanto multidões penduradas nos trens elétricos
desfilam interminavelmente
na indistinção entre vida e morte
futebol e carnaval e vão caindo
pelo leito da estrada os morituros

Ser um contigo, ó cidade,
é prêmio ou pena? Já nem sei
se te pranteio ou te agradeço
por este jantar de luz que me ofereces
e a ácida sobremesa de problemas
que comigo repartes
no incessante fazer-te, desfazer-se
que um Rio novo molda a cada instante

e a cada instante mata
um Rio amantiamado há 40 anos.

ALEGRIA, ENTRE CINZAS

Manhã de quarta-feira.
Santa Luzia e São José chamam as cinzas
em suas igrejas libertas de carnaval.
“Quando jejuardes
— naquele tempo disse Jesus a seus discípulos —
não vos entristeçais como os hipócritas...”
Por isso, das cinzas ainda quentes
do carnaval levantam-se os carnavalescos
e voltam ao trivial pressaboreando
a festa do ano próximo — alaúza!

Milhares e milhares e milhares
de passistas sambistas bateristas,
servidores de um rei que pula e não castiga,
tiram a pestana suficiente
para emendar a festa com o batente.
Pequeno Luís Rei de França do Salgueiro
despe a magnificência, pede a bênção
ao pai, bombeiro hidráulico, na oficina.
Meio-dia.
Clóvis Bornay bate o ponto no Museu.
Volta ao circo o elefante imperial
que transportava Dona Santa do Maracatu.
Volta o Municipal amarfanhado
ao seu silêncio de ópera sem partitura.
Volta a grama a crescer, ou custa um pouco
nos jardins massacrados? Por milagre
voltam os galhos verdes decepados,
para junto dos troncos, ou não mais
estes oitis serão como eram antes?

Que mortes vegetais o grão desfile
foi lavrando no corpo da cidade?

Que atropelos, atrasos, prejuízos
dançaram de ciranda-confusão,
para que açafatas e marqueses
surrealistas de uma noite
deslumbrassem turistas-privilégio
em arquibancadas equipadas
com sanitários *fiberglass*
que em lugar nenhum outro aos joões-brandões
atendem no momento de aflição?

Cinzas,
pó de penitência. Será mesmo?
penitência de quê — do não brincado
ou de folgança programada
a que falta a cedilha do espontâneo?
Dói a cabeça, a dor circula
o corpo inteiro, doendo em parafuso,
em *looping*, xadrez, diagonal.
Mas a última célula da memória
registra ainda o ranger de babilônias
em rouco marulhar de som e selva:
cataratas humanas de Iguaçu,
pavões, califas de Bagdá e Realengo
desfilam entre rainhas gaditanas
com torres de marfim no cocuruto,
pescadores portam jacarés
personalizados como cheques,
homens de Neandertal voltam à origem
e, emergindo do mar de plástico e sarrafos,
Iemanjá Dandalunda Janaína
crioula cor de prata
rabeia com tiques de sereia
perto do cartorial Palácio da Justiça.
Ou foi tudo pesadelo
de três-quatro noites mal *curtidas*?

Cinza, cinza redentora

de todos os pecados contra o gosto
cometidos e a cometer em nome da alegria
(essa senhora tão ausente
dos programas alegres).
Ainda de *pareôs, sarongs,* camisetas
suados de pular, hoje caídos
no chão cinza do quarto
ressonam meus irmãos.
Que bocejo de festa cansadeira
no bustiê de lenço drapejado.
Lamê enlameado na sarjeta.
Strass.
Stress.
Liza Minelli passou entre passistas?
Frank Sinatra não veio, como sempre.
O mundo-melhor de Pixinguinha
e o mundo-melhor dos utopistas
dissolvem-se na mesma inconclusão.
De qualquer modo, irmãos, amigos meus,
ouçamos a palavra que em Mateus
(VI-16) está gravada:
"Não vos entristeçais como os hipócritas..."
Há sempre uma promessa de alegria.

CAPÍTULOS DE HISTÓRIA COLONIAL

BRANCA DIAS

Branca Dias
paixão de frade
em seu engenho
da Paraíba
repele o amor
pecaminoso.
O amor se vinga:
é acusada
de judaísmo.
Já vão prendê-la.
Atira joias
e prataria
na correnteza.
A água vira
Riacho da Prata.
Morre queimada
no santo lume
da Inquisição
em Portugal.
Reaparece
na Paraíba
em Pernambuco
sob o luar
toda de branco
sandálias brancas
cinto azul-ouro.
Branca Dias
— garantem livros —
nunca existiu,
é lenda pura
de lua cheia.
E a Inquisição
provavelmente

outra ilusão.

GOVERNADOR EM VIAGEM

Do Rio a Vila Rica
passando por São Paulo
são léguas de infinito,
contrabando e onça,
carrapato, carrapicho,
inseguro pousar
na ventania dos ranchos.

Governador vai governando
a cavalo, que remédio?
Vai ouvindo, nomeando,
prendendo
se é caso de prender,
e recolhendo mesuras,
mas na hora de comer,
mas na hora de dormir,
de que lhe vale a patente?

Antes fosse para a Índia.
O sofrido espinhaço,
os dolentes intestinos
reclamam da jornada.
A escuridão sem tapetes
é bem naquele lugar
onde Judas perde as botas.

Ei, amigo, que me ofertas?
Chão de terra, sim, senhor.
E de boca?
Saberá Vossa Importância
que em minha trempe cozinho
a metade de um macaco
e umas poucas formigonas.

— A que sabem teus petiscos?
— Macaco, a caça mais fina
que pula neste fundão,
e bumbum de tanajura,
dês que cozido a preceito,
não há manteiga de Flandres
que em gosto se lhe compare.
Quer provar?

(Bravo Conde, pobre Conde
de Assumar,
já começa a vomitar.)

INCONFIDÊNCIA MINEIRA

Tem dois escravos Padre Toledo:
José Mina, que toca trompa,
Antônio Angola, rabecão.
O padre mete-se no rocambole
da insurreição.
A Real Justiça levanta o braço
da repressão.
Engaiola o padre na fortaleza
de São Julião.
Confisca os músicos, confisca a trompa
e o rabecão.
Música-gente, crioula música
duas vezes
na escravidão.

FALA DE CHICO-REI

Rei,
duas vezes, Rei, Rei para sempre,
Rei africano, rei em Vila Rica,
Rei de meu povo exilado e de sua esperança,
Rei eu sou, e este reino em meu sangue se inscreve.
Arranquei-o do fundo da mina da Encardideira,
partícula por partícula, sofrimento por sofrimento,
com paciência, com astúcia, com determinação.
Era um Reino que ansiava por seu Rei.
Tinha a cor do Sol faiscando depois de sombria navegação,
a cor de ouro da liberdade.
Hoje formamos uma só Realeza, uma só Realidade
neste alto suave de colina mineira.
Aqui edifiquei a minha, a nossa Igreja
e coloquei-a nas mãos da virgem etíope,
nossa princesa santa e sábia: Efigênia,
sob as bênçãos da rainha Celeste do Rosário.
Meus súditos me são fiéis até o sacrifício,
por lei de fraternidade, não de medo ou tirania.
São livres e alegres depois de tanta amargura.
A alegria de meu povo explode
em charamelas, trombetas e gaitas,
rouqueiras de estrondo e júbilo,
canções e danças pelas ruas.
A alegria de meu povo esparrama-se
no trabalho, no sonho, na celebração
dos mistérios de Deus e das lutas do Homem.
Nossa pátria já não está longe nem perdida.
Nossa pátria está em nós, em solo novo e antiga certeza.
Amanhã, quem sabe? os tempos outra vez serão funestos,
nossa força cairá em cinza enxovalhada.
(Sou o Rei, e o destino da minha gente
habita, prenunciador, o meu destino.)

Mas este momento é prenda nossa e renascerá
de nossos ossos como de si mesmo.
Em liberdade, justiça e paz,
num futuro que a vista não alcança,
homens de todo horizonte e raça extrairão de outra mina mais funda e inesgotável
o ouro eterno, gratuito, da vida.

ASSIM VAI (?) O MUNDO

ULTRATELEX A FRANCISCO

Francisco, bom dia no seu dia!
O dia de sua morte... Quem falou?
Imagino um afresco de Giotto:
Aves riscam os *quatro ventos* do céu,
formam cruzes de plumas. Entre elas,
sobe o poeta a conversar com os anjos.
Ninguém repara em suas mãos transparentes
o signo de cinco cravos sangrentos.
Cruzes e cravos que amor transmuda
em alegria superior a sofrimento.
Não é morte. É dia pleno.

Oi, Francisco, perito em alegrias especiais!
A maior: não possuir nada de nada.
Nem mesmo o burel castanho: é para rasgar e distribuir.
Nem mesmo o corpo: reservado
aos estigmas da divina predileção.

Francisco operário madrugador na construção de igrejas
(não de edifícios de renda, longe disso):
tantas coisas para lhe contar, daqui de baixo.
Mas você não cansou, em sete séculos e meio,
de ouvir a eterna queixa, o monocórdio estribilho
de nossa falta de humildade cortesia ternura nudez?

Veja por exemplo os bichos. (Só a eles me refiro
porque não falam por si.) Arvoro-me em secretário
do mico-estrela, da tartaruga, da baleia,
de todos, todos. Dos mais espetaculares aos mínimos,
tão míseros.
De irmãos você os chamava. Repare: aterrorizados,
fogem de nós, com muita razão e longos medos.
De um e outro, isolados,

gostamos. Coisa nossa, brinquedo. É gosto sem gostar,
feito de posse-domínio.
Veja as infinitas coleções
de animais que padecem em todos os chãos e águas da Terra
e não podem dizer que padecem, e por isso padecem duas vezes,
sem o suporte da santidade.

Pior, Francisco: o padecimento deles
é de responsabilidade nossa — humana? desumana.
Pois nós os torturamos e matamos
por hábito de torturar e de matar
e de tornar a fazê-lo, esporte
com halalis, campeonatos, medalhas, manchetes,
ouro pingando sangue.

Repiso estas coisas meio encabulado.
Tão velhas!
Tão novas sempre, secamente.
Técnicas letais varejam o fundo do mar
e o velho tiro, a velha lâmina
estão sempre caçando o irmão-bicho.

Lembrar que terrível penúria de amor
lavra nos corações convertidos em box
de supermercado de crueldades?
E penúria logo de amor,
essa matéria-prima, essa veste inconsútil de sua vida, Francisco?

Calo-me, santinho nosso,
mas antes faço-lhe um apelo:
providencie urgente sua volta ao mundo
no mesmo lugar, em lugar qualquer,
principalmente onde se comercia a santa esperança dos homens,
para ver se dá jeito,
jeito simples, franciscano, jeito descalço
de consertar tudo isso. Os bichos,
por este secretário, lhe agradecem.

MAL DO SÉCULO

Como se não bastasse o mundo de tristezas
entre céu e terra,
principalmente em terra,
vem o agrônomo, descobre
o vírus da tristeza nas laranjeiras.

ANTIBUCÓLICA 1972

— Até a clorofila?...

— Sim, senhor:
até a clorofila entra na fila
dos poluidores. Diz-nos um doutor
de Illinois que, em matéria de monóxido
de carbono, a graminha é uma parada.

Aparemo-la então, que em disparada
a relva, no jardim ou em depósito
no quarto de dormir (sei lá) é o mesmo
que automóvel queimando gasolina.

— A sina, pois, do mundo, é sem remédio?
Se da fumaça escapo, e rodo a esmo
pelos parques cisneiros da cidade,
trato de preparar meu epicédio,
pois o verde de amigo fez-se inimigo
e me leva, com toda a falsidade,
para o último hotel, vulgo jazigo.

Nó mais, verde, nó mais, que a língua tenho
(Camões que me perdoe, com seu engenho)
acidulada e a voz enrouquecida.
Já tusso, já sufoco, já me vejo
na horizontal postura inarredável
só de papar um mísero legume
ou de alecrim cheirar meigo perfume
que esconde no seu seio algo terrível.

Ah, natureza má que me enganavas,
fingindo-te benigna: vai às favas
e que as favas te sejam bem letais,

que de árvores, arbustos, tenras folhas,
tudo isso que polui, não quero mais
saber. Não são usinas gigantescas,
bombas, resíduos mil, restos largados
à flor das águas em sinistras bolhas
que corrompem a vida que vivemos.
É a grama, o capim, leve, ondulante,
forma que o vento curva a seu talante,
e que, ao perecer, nos envenena
o ar, desprendendo o tóxico tremendo.
É grama, é folha, é rama, ó Tom, é planta,
são as flores de março... mas que pena.

Bonito, vegetais; é isso aí?
Em vez de fotossíntese, vocês
fotossujeira operam na atmosfera?
Já era a pura estampa virgiliana
sub tegmine fagi (leia-se: oiti),
nos braços de Amarílis ou de Inês?
Emudece a canção, flauta de cana,
e foge, pastor meu, dos verdes campos,
previne os bois, avisa os pirilampos,
que a coisa não está de brincadeira.

A poluição, sabe-se agora, é velha
mais do que o homem. E não será o homem
freguês da poluição, em vez de autor?
Por pessimista, rogo, não me tomem,
nem quero ser tachado de farsista:
se tudo é poluição, até na flor,
no vergel, no quintal, seja o que for,
tratemos com a máxima presteza
de redigir político tratado:
teremos cativado a natureza,
convindo em que convivam lado a lado
o homem e a poluição fazendo amor.

ENTREATO DE PAZ

As partes conflitantes decidiram
suspender a matança
e por entre ruínas e cadáveres
instaurar a esperança.

A morte, agradecida, pisca o olho:
— "Era um trabalho louco
ceifar de ponta a ponta essa Indochina..."
Vai descansar um pouco?

Em vinte e três artigos e parágrafos
a sorte se resolve,
mas quem morreu sem culpa e sem aviso
esse nunca mais volve.

Neuróticos, descrentes, mutilados
— firma-se o protocolo —
volvem, de saldo, os prisioneiros: medra
medrosa flor, no solo.

Fraca se torna a força mais turuna,
incapaz a granada
de repetir efeitos conclusivos:
recolhe-se empatada.

A guerra não é mais aquela forma
de consertar o mundo
ao nosso estilo ou vista filosófica
ou apetite fundo?

Alguma coisa mais existe, e barra
a fúria belicista;
uma coisa sem nome definido,

poder que não se avista.

E essa coisa ressurge quando a bomba
parecia extingui-la
e ninguém lhe destrói a coice d'armas
a essência tranquila.

A guerra perde a guerra, e a vida ganha
direito de viver
mas amanhã revive a velha história:
matar para vencer?

Este *round*, viva a vida! nós ganhamos
contra o poder da morte.
A paz, de asas feridas, tão mais débil,
revela-se a mais forte.

Uma lição se colhe de tudo isto,
ou nenhuma lição:
alcançará o homem, bicho estranho, ser,
de si mesmo, irmão?

TODO MUNDO E NINGUÉM
(*AUTO DA LUSITÂNIA*, DE GIL VICENTE)

NINGUÉM — Tu estás a fim de quê?

TODO MUNDO — A fim de coisas buscar
que não consigo topar.
Mas não desisto, porque
o cara tem de teimar.

NINGUÉM — Me diz teu nome primeiro.

TODO MUNDO — Eu me chamo Todo Mundo
e passo o dia e o ano inteiro
correndo atrás de dinheiro,
seja limpo ou seja imundo.

BELZEBU — Vale a pena dar ciência
e anotar isto bem,
por ser fato verdadeiro:
que Ninguém tem consciência,
e Todo Mundo, dinheiro.

NINGUÉM — E que mais procuras, hem?

TODO MUNDO — Procuro poder e glória.

NINGUÉM — Eu cá não vou nessa história.
Só quero virtude... Amém.

BELZEBU — Mas o *papai* não se ilude
e traça: Livro Segundo.
Busca o poder Todo Mundo
e Ninguém busca virtude.

NINGUÉM — Que desejas mais, sabido?

TODO MUNDO — Minha ação elogiada
em todo e qualquer sentido.

NINGUÉM — Prefiro ser repreendido
quando der uma *mancada*.

BELZEBU — Aqui deixo por escrito
o que querem, lado a lado:
Todo Mundo ser louvado
e Ninguém levar um pito.

NINGUÉM — E que mais, amigo meu?

TODO MUNDO — Mais a vida. A vida, olé!

NINGUÉM — A vida? Não sei o que é.
A morte, conheço eu.

BELZEBU — Esta agora é muito forte
e guardo para ser lida:
Todo Mundo busca a vida
e Ninguém conhece a morte.

TODO MUNDO — Também quero o Paraíso,
mas sem ter que me chatear.

NINGUÉM — E eu, suando pra pagar
minhas faltas de juízo!

BELZEBU — Para que sirva de aviso,
mais uma *transa* se escreve:
Todo Mundo quer Paraíso
e Ninguém paga o que deve.

TODO MUNDO — Eu sou *vidrado* em tapear,
e mentir nasceu comigo.

NINGUÉM — A verdade eu sempre digo
sem nunca chantagear.

BELZEBU — Boto anúncio na cidade,
deste troço curioso:
Todo Mundo é mentiroso
e Ninguém fala verdade.

NINGUÉM — Que mais, *bicho*?

TODO MUNDO — Bajular.

NINGUÉM — Eu cá não jogo confete.

BELZEBU — Três mais quatro igual a sete.
O programa sai do ar.
Lero lero lero lero,
curro paco paco paco.
Todo Mundo é *puxa-saco*
e Ninguém quer ser sincero!

MICROLIRA

INFATIGÁVEL

O progresso não recua.
Já transformou esta rua
        em buraco.

E o progresso continua.
Vai abrir neste buraco
        outra rua.

Afinal, da nova rua,
o progresso vai compor
        outro buraco.

INDAGAÇÃO

Na morta biosfera,
o fantasma do pássaro
inquiriu
ao fantasma da árvore
(que não lhe respondeu):
— A Primavera *já era*
ou ainda não nasceu?

SUSSURRO

Se não erro
ao decifrar a voz dos vegetais,
eis que suspira a muda de pau-ferro
no silêncio do ser:
— Eu sei que fui plantada
com música, discurso e tudo mais,
para a alguém, no futuro, oferecer
sem discurso e sem música o prazer

da derrubada.

RECOMENDAÇÃO

Neste botânico setembro,
que pelo menos você plante
com eufórica
emoção ecológica
num pote de plástico
uma flor de retórica.

O COMÉRCIO DA PRIVACIDADE

Mas esta é a velha Garbo, seminua
assim na praia, lamentavelmente?
Não. O retrato, em que a maldade estua,
é da alma do fotógrafo, somente.

A GRANDE MANCHETE

Aproxima-se a hora da manchete:
O PETRÓLEO ACABOU.
Acabaram as alucinações
os crimes, os romances
as guerras do petróleo.
O mundo fica livre
do pesadelo institucionalizado.

Atirados ao lixo
motores de combustão interna
e lataria colorida,
o Museu da Sucata exibe
o derradeiro carro carrasco.
Tem etiqueta de remorso:
“Cansei a humanidade”.

Ruas voltam a existir
para o homem
e as alegrias de estar junto.
A poluição perdeu
seu aliado fidelíssimo.
A pressa acabou.

Acabou, pessoal! o congestionamento,
o palavrão,
a neurose coletiva.
A morte violenta entre ferragens
com seu véu de óleo
e chamas
acabou.

Milhões de árvores meninas irrompem do asfalto
e da consciência

em carnaval de sol.
Dão sombra grátis
ao *papo* dos amigos,
à doçura do ócio no intervalo
do batente,
do amor antes aprisionado sob o capô
ou esmigalhado pelas rodas,
à vida de mil formas naturais.
Pessoas, animais,
confraternizam: Milagre!

Dura 5 (?) minutos a festa
da natureza com a cidade.
Irrompem
formas eletrônicas implacáveis,
engenhos teleguiados catapúlticos
de máximo poder ofensivo
e reconquistam o espaço
em que a vida bailava.

Recomeça o problema de viver
na cidade-problema?

De que valeu cantar
o fim da gasolina de alta octanagem?

Enquanto não vem a formidável manchete,
vamos curtindo
outras manchetinhas a varejo.
Vamos curtindo
a visão do caos e do extermínio
na rua, na foto,
no sono atormentado:
mais 400 carros por dia nas pistas
que encolhem, encolhem, são apenas
enfumaçada fita de rangidos.
Mais loucura, mais palavrão e mais desastre.

E lemos Ralph Nader:
a cada 10 minutos
morre uma pessoa em acidente
de carro; a cada 15 segundos
sai alguém ferido
na pátria industrial dos automóveis.
Vamos imitá-la?
Vamos vencê-la em desafio
de quem mata mais e morre mais?
Ou vamos ficar apenas
engarrafados sem garrafa
no ar poluído e constelado
de placas, de sinais
que assinalam o grande entupimento?

Perguntas estas são mensagem
também ela espremida na garrafa
que boia no alto-mar de ondas surdas
e cegas
à espera do futuro que as responda.

MÚSICA DE FUNDO

A PALAVRA MÁGICA

Certa palavra dorme na sombra
de um livro raro.
Como desencantá-la?
É a senha da vida
a senha do mundo.
Vou procurá-la.

Vou procurá-la a vida inteira
no mundo todo.
Se tarda o encontro, se não a encontro,
não desanimo,
procuro sempre.

Procuro sempre, e minha procura
ficará sendo
minha palavra.

O CONSTANTE DIÁLOGO

Há tantos diálogos

Diálogo com o ser amado
o semelhante
o diferente
o indiferente
o oposto
o adversário
o surdo-mudo
o possesso
o irracional
o vegetal
o mineral
o inominado

Diálogo consigo mesmo
com a noite
os astros
os mortos
as ideias
o sonho
o passado
o mais que futuro

Escolhe teu diálogo
e
tua melhor palavra
ou
teu melhor silêncio
Mesmo no silêncio e com o silêncio
dialogamos.

SOM

Nem soneto nem sonata
vou curtir um som
dissonante dos sonidos
som
ressonante de sibildos
som
sonotinto de sonalhas
nem sonoro nem sonouro
vou curtir um som
mui sonso, mui insolúvel
som não sonoterápico
bem insondável, som
de raspante derrapante
rouco reco ronco rato
som superenrolado
como se sona hoje em noite
vou *curtir*, vou *curtir* um som
ausente de qualquer música
e rico de *curtição*.

A CASA DO JORNAL, ANTIGA E NOVA

Rotativa
do acontecimento.
Vida fluindo
pelos cilindros,
rolando
em cada bobina,
rodando
em cada notícia.
No branco da página
explode.
Todo jornal
é explosão.

Café matinal
de fatos
almoço do mundo
jantar do caos:
radiofoto.

Reestruturaram-se os cacos
do cosmo
em diagramação
geométrica.

A cada méson
de microvida
contido
na instantaneidade do segundo,
a vibração eletrônica
da palavra-imagem
compõe
decompõe
recompõe

o espelho de viver
para servir
na bandeja de signos
a universalidade
do dia.

A casa da notícia
com degraus de mármore
e elevador *belle époque*
alçada em torre
e sirena
chama os homens
a compartir
o novo
placar nervoso
dos telegramas.
Olha a guerra,
olha o reide,
olha o craque da Bolsa,
olha o crime, olha a *miss*,
o trespasse do Papa,
o novo cisne plúmbeo
do Campo de Santana.

Fato e repórter
unidos
re-unidos
num só corpo de pressa
transformam-se em papel
no edifício-máquina
da maior avenida,
devolvendo ao tempo
o testemunho do tempo.

Na superfície impressa
ficam as pegadas
da marcha contínua:

letra recortada
pela fina lâmina
do *copydesk*;
foto falante
de incrível fotógrafo
(onde colocado:
na nuvem? na mente
do Presidente?);
libertário humor
da caricatura
de Raul e Luís
a — 50 anos depois —
Lan e Ziraldo.
Paiol de informação
repleto, a render-se
dia e noite
à fome sem paz
dos linotipos,
casa entre terremotos
óperas, campeonatos
revoluções
plantão de farmácias
dividendos, hidrelétricas
pequeninos classificados
de carências urgentes,
casa de paredes de acontecer
chão de pesquisa
teto de detetar
pátria do telex infatigável
casa que não dorme
ouvido afiado atento
ao murmulho mínimo
do que vai, do que pode
quem sabe? acontecer.

Um dia
a casa ganha nova dimensão

nova face
sentimento novo
diversa de si mesma
e continuante
pousa no futuro
navio
locomotiva
jato
sobre as águas, os caminhos
os projetos
brasileiros
usina central de notícias
cravada na estrela dos rumos
NSLO
em cobertura total
da vida total:
conhecimento
comunicação.
Todo jornal
há de ser explosão
de amor feito lucidez
a serviço pacífico
do ser.

E ACONTECEU A PRIMAVERA

I

Que alguém te cante e te descante,
ficou urgente, Primavera,
para que ao menos em cantiga,
neste papel aberto às gentes,
a flor antiga se restaure.

Te cantarei em Pernambuco,
onde és cidade, e no Pará,
onde mulheres plantam malva
sob o título municipal,
e em Rondônia cantarei
a corredeira Primavera,
pois nesses nomes de lugares
e num acidente geográfico
tu pousaste como um pássaro,
modesto pássaro cinzento
de asas pretas e cauda preta,
só a lembrar, no papo branco,
extintas primaveridades.

Primavera que tanto habitas
a bráctea rósea da buganvília
(em que jardins à vista ocultos
sob a fumaça que é nosso azul
residual?),
como habitavas, parnasiana,
o soneto crônico e clássico
dos poetas consumidores
de velhos tópicos europeus,
é forçoso que alguém celebre
o ímpeto juvenil da Terra

mesmo poluída, desossada,
Terra assim mesmo, seiva nossa.

E te ofereço, Primavera,
a arvorezinha de brinquedo
em pátio escolar plantada,
enquanto lá fora se ensina
como derrubar, como queimar,
como secar fontes de vida
para erigir a nova ordem
do Homem Artificial.

Ah, Primavera, me desculpa
se corto em meio uma floresta
latifoliada, pois tenho pressa
de correr na estrada de Santos.
Não te zangues se já não vês
em teu perene séquito lírico
aquele sininho-flor, descoberto
em longes tempos por George Gardner
e que soava só no Brasil:
foi preciso (teria sido?)
matar o verde, substituí-lo
pela neutra cor uniforme
que é uniforme do Progresso.

Primavera, *primula veris*,
em palavra quedas intacta,
em palavra pois te deponho
a minha culpa coletiva,
o meu citadino remorso,
minha saudade de água, bicho,
terra encharcada de promessas,
e visões e asas e vozes
primitivas e eternas, como
eterno (e amoroso) é o homem
ligado ao quadro natural.

Primavera, fiz um discurso?
Primavera, tu me perdoas?...

II

— 22 de setembro, *mina* minha.
Vamos *curtir* a primavera
em *compact cassete tape*, meu morango?
Bota aí o Botticelli
estereoutransfigurado em Debussy
e vê (primeiro fecha os olhos) Simonetta
Vespucci toda flor
florentil florindamente
(bulcão?) entre corolas e resinas
da flora da Tijuca...

— Não. Prefiro o *Sacré du Printemps*
que *transa* a primavera mais primeva.
Assim, no sala-e-escuro
dos sala-e-quarto conjugados
os dois ficamos *respeitando*
um princípio de seiva e de nenúfar,
enquanto a chuva — plic — tamborina
seu samba de uma nota só
na área de serviço.

É primavera, broto-brinco:
saiu no jornal,
a TV anunciou,
o Governo consentiu,
o Congresso aplaudiu
o comércio vendeu
arranjos de ikebana
e em algum lugar florescem três-marias
que são muitas marias, muitos nomes.

Vamos também *curtir* os nomes
(são presentes do povo à gente-bem):
riso-do-prado
(cadê o prado?),
amor-de-estudante
(pobre! no cursinho
que vira cursão
e invade o Brasil),
unha-de-gato
(envenenado
no Passeio Público?),
sempre-viçosa...
isto! A esperança
pousa na balança
o seu peso-pluma.

— Você tá esquecido
da maria-branca,
da pombinha-das-almas
e da noivinha...
Asas-pseudônimos
de primavera.

(Ah, vero *barato*
esse de brincar
de estação das flores
de concreto-objeto!)

— Oi, depressa, vamos
semear canteiros,
preparar estacas
e mergulhões,
plantar tubérculos
de cromo-gladíolos,
túberas de dálias
e tinhorões,

repicar sementeiras,
controlar lagartas,
ácaros e *trips*,
dizimar pulgões.

(Ui, primavera é *fogo*
se levada a sério!)

— Vamos pintar de verde
as áreas crestadas,
pôr na parede
a árvore genealógica,
comprar um sabiá
mecânico,
sortear
o beija-flor de beijar cimento?

É primavera, escuta o Burle Marx:
diz que havia jardins
em torno das casas,
havia matas
a cavaleiro das cidades,
florestas
onde o jacarandá e o mogno conversavam
a conversa de séculos.
(Fecharam o bico,
chegado o eucalipto.)

Broto gentil, a primavera
será um sonho de sonhar-se
na fumaça
no grito
no sem azul deserto
das cidades mortas que se julgam vivas?

RETROLÂMPAGO DE AMOR VISUAL

Namoradas mortas
tenho mais de cem:
Barbara La Marr
e Louise Fazenda,
tenho Theda Bara
e Olive Borden,
Bessie Barriscale
e Virginia Valli.
Tenho Marion Davies,
tenho Clara Bow,
tenho Alice Calhoun,
tenho Betty Compson,
tenho Nancy Carroll,
e Norma Talmadge
e Anita Stewart,
e Mildred Harris
e Lya de Putti,
que se suicidou,
como Lupe Velez.
Tenho Nazimova,
Mae Murray, Mae Marsch
e ainda Mae Busch
e Edna Purviance,
Ruth Roland, Ruth
Chatterton, Julia Faye,
tenho Ethel Clayton,
tenho Kathlyn Williams,
tenho Gladys Brockwell,
morta num desastre.
Eis Anna May Wong
com Alice Joyce
e Constance Bennett.
Tenho Agnes Ayres

e Elissa Landi,
tenho Mary Bryan
e Dorothy Gish
e Alice Brady
e Renée Adorée.
Guardo bem o nome
de Marie Prévost
e de Phyllis Haver,
o de Mabel Normand,
o de Fanny Ward,
o de Helen Costello,
o de Pearl White.
E de Alma Rubens
nunca mais me esqueço.
Lembro Nita Naldi,
Pauline Frederick,
Geraldine Farrar,
Clara Kimball Young,
lembro Elsie Ferguson
distantes, distantes.
E lembro Ann Sheridan
e Kay Francis lembro
e Carole Lombard
morta no avião
como Linda Darnell
morta no incêndio.
Tenho namoradas
que outros não namoram,
como Zasu Pitts,
Maria Ouspenskaya
e Marie Dressler.
Namoradas mortas?
Tenho mais de mil.
E das sem notícias
tenho outras tantas.
Onde se esconderam
Aileen Pringle, Viola

Dana, Louise Brooks?
Não sei onde foram
nem Pauline Starke
nem Blanche Sweet
nem Madge Bellamy
nem Gloria Stuart.
Ainda sinto falta
de Corinne Griffith,
de Louise Glaum
e de Anita Page,
de Olga Petrova
e de Mary Philbin,
de Virginia Pearson,
e Mary Miles Minter,
de Claudette Colbert
e Karen Morley,
de Irene Castle
e de Billie Dove.
Que é de Irene Rich,
onde vai Kay Johnson?
Ah, Dorothy Dalton
e Leatrice Joy!
May Mac Avoy
e Dorothy Mackaill,
Eleonor Boardman
e Alice Terry,
Margaret Livingstone
e Claire Windsor,
a todas recordo
e sumiram todas.
Sumiu Lila Lee,
sumiu Lois Wilson.
Florence Vidor
nunca mais voltou.
Sumiu Colleen Moore.
Nunca mais voltou
Madlaine Traverse.

Nunca mais voltaram
Madleine Carrol
e Bebé Daniels
e Evelyn Brent.
Quem dará notícia
de Carmel Myers?
De June Caprice
e de Estelle Taylor?
de Betty Blytte,
de Priscilla Dean?
Onde, Shirley Mason?
Ann Dvorak, onde?
Onde Pola Negri
e Laura La Plante?
Quem viu Esther Ralston,
Arlette Marchal,
também Vilma Banky?
Ai, namoradas
desaparecidas
tenho não sei quantas.
Obrigado, Alex
Viany, escusa
de contar-me certo
o fim que levaram.
Melhor não saber,
ou fazer que não.
Em frente da tela
branca para os outros,
para mim repleta
de signos e signos
tão indestrutíveis
que nem meu cansaço
de velho olhador
logra dissipá-los,
sem timbre nostálgico,
atual e sempre,
mantenho a leitura

deste sentimento
de amor visual.

EXORCISMO

Das relações entre topos e macrotopos
Do elemento suprassegmental
Libera nos, Domine

Da semia
Do sema, do semema, do semantema
Do lexema
Do classema, do mema, do sentema
Libera nos, Domine

Da estruturação semêmica
Do idioleto e da pancronia científica
Da reliabilidade dos testes psicolinguísticos
Da análise computacional da estruturação silábica dos falares regionais
Libera nos, Domine

Do vocoide
Do vocoide nasal puro ou sem fechamento consonantal
Do vocoide baixo e do semivocoide homorgâmico
Libera nos, Domine

Da leitura sintagmática
Da leitura paradigmática do enunciado
Da linguagem fática
Da fatividade e da não fatividade na oração principal
Libera nos, Domine

Da organização categorial da língua
Da principalidade da língua no conjunto dos sistemas semiológicos
Da concretez das unidades no estatuto que dialetaliza a língua
Da ortolinguagem
Libera nos, Domine

Do programa epistemológico da obra
Do corte epistemológico e do corte dialógico
Do substrato acústico do culminador
Dos sistemas genitivamente afins
Libera nos, Domine

Da camada imagética
Do espaço heterotópico
Do glide vocálico
Libera nos, Domine

Da linguística frástica e transfrástica
Do signo cinésico, do signo icônico e do signo gestual
Da clitização pronominal obrigatória
Da glossemática
Libera nos, Domine

Da estrutura exossemântica da linguagem musical
Da totalidade sincrética do emissor
Da linguística gerativo-transformacional
Do movimento transformacionalista
Libera nos, Domine

Das aparições de Chomsky, de Mehler, de Perchonock
De Saussure, Cassirer, Troubetzkoy, Althusser
De Zolkiewsky, Jakobson, Barthes, Derrida, Todorov
De Greimas, Fodor, Chao, Lacan *et caterva*
Libera nos, Domine

A ROSA É UM JARDIM

A rosa é um jardim
concentrado
um clarim
de cor, anunciando
a alvorada fogosa
e o tempo iluminado.

RECEITA DE ANO NOVO

Para você ganhar belíssimo Ano Novo
cor de arco-íris, ou da cor da sua paz,
Ano Novo sem comparação com todo o tempo já vivido
(mal vivido talvez ou sem sentido)
para você ganhar um ano
não apenas pintado de novo, remendado às carreiras,
mas novo nas sementinhas do vir-a-ser,
novo
até no coração das coisas menos percebidas
(a começar pelo seu interior),
novo espontâneo, que de tão perfeito nem se nota,
mas com ele se come, se passeia,
se ama, se compreende, se trabalha,
você não precisa beber champanha ou qualquer outra birita,
não precisa expedir nem receber mensagens
(planta recebe mensagens?
passa telegrama?).
Não precisa
fazer lista de boas intenções
para arquivá-las na gaveta.
Não precisa chorar de arrependido
pelas besteiras consumadas
nem parvamente acreditar
que por decreto da esperança
a partir de janeiro as coisas mudem
e seja tudo claridade, recompensa,
justiça entre os homens e as nações,
liberdade com cheiro e gosto de pão matinal,
direitos respeitados, começando
pelo direito augusto de viver.
Para ganhar um ano novo
que mereça este nome,
você, meu caro, tem de merecê-lo,

tem de fazê-lo novo, eu sei que não é fácil,
mas tente, experimente, consciente.
É dentro de você que o Ano Novo
cochila e espera desde sempre.

CEIA EM CASA DE SIMÃO
(EVANGELHO DE LUCAS, VII, 36-50)

I

Ai que jantares monótonos,
em casa de fariseus!
São tudo regras e ritos...
Mas louvado seja Deus.

Simão recebia Cristo,
medindo cada palavra.
Era uma ceia? Um ardil?
Jesus comia e calava.

A porta abriu-se. Que forma
perturbadora vem lá?
Em casa tão pura, a impura
mulher que a todos se dá.

Se Cafarnaú inteira
lhe censura a vida obscena,
de quem partira o convite
a Maria Madalena?

Maria, porém, não veio
sentar-se à mesa. Hesitante,
feito cachorro batido,
erra na sala um instante.

E divisando de Cristo
o magro vulto sentado,
a seus pés se joga, súbito,
no pranto mais desatado.

E o pranto, molhando as plantas
de Cristo, não se exauria.

Era um fogo, eram um tormento
que nele se dissolvia.

O pé esquerdo e o direito
já se lavam nesse orvalho,
enquanto a mulher semelha
pomba pedindo agasalho.

Agora os beija. E, ao beijá-los,
neles vai depositando,
por força de suas lágrimas,
um peso que se faz brando.

Eis que Madalena enxuga,
entre piedosos desvelos,
os pés de Cristo nas tranças
de seus noturnos cabelos.

Bálsamo tira de um vaso,
para lentamente ungi-los.
Só quando o aroma se espalha,
seus membros quedam tranquilos.

II

Mas Simão pensa consigo:
“Se o Profeta vive ciente
do que dorme no futuro,
por que não sabe o presente?

Não percebe, não vislumbra,
sob a face enganadora
de quem o toca, de rastros,
uma extrema pecadora?”

Então, sentindo-lhe n'alma
essa equívoca pergunta,
diz-lhe Cristo, com doçura
a que firmeza se junta:

"Simão, escuta. Um homem
tinha dois devedores.
Um devia quinhentos, outro apenas
cinquenta dinheiros. Entretanto
nenhum dos dois podia resgatar
sua dívida.

O credor lhes perdoa, a um e outro.
Responde:
qual dos dois devedores lhe dará
mais amor?"
"Mestre, penso eu, aquele
a quem mais foi perdoado."

"Disseste bem. Pois vês esta mulher?
Eu vim à tua casa e não me deste
um pouco d'água para lavar os pés.
Ela, porém, com seu choro os banhou,
com sua cabeleira os enxugou.
Simão, não me beijaste. Ela, ao contrário,
desde o primeiro instante até agora,
cobre-me os pés de beijos repetidos.
Com que perfume ungiste meus cabelos?
Ela derrama bálsamo a meus pés.
E por isso te digo: seus pecados,
pelo seu muito amor, sejam perdoados.
Mas aquele a quem menos se perdoa,
menos amor, em troca, esse nos doa.
Estás limpa, Maria, de pecado."

III

Pasmo, susto, irreprimida
surpresa nos convidados:
quem é o homem estranho
que até perdoa pecados?

E enquanto entre si, confusos,
doidamente discutiam,
do corpo de Madalena
sete demônios fugiam,

como fumaças no campo,
ao sol moreno de agosto,
e na boca arrependida
ficava um divino gosto.

"Tua fé te salvou, Maria. Vai em paz."

IV

Esses jantares monótonos,
em casa de fariseus!
A festa acabou. Cansaço.
Mas uma ceia mais bela,
de criatura e de criador,
se desenrola no espaço,
pela graça e amor de Deus.

OS NAMORADOS DO BRASIL

Dai-me, Senhor, assistência técnica
para eu falar aos namorados do Brasil.
Será que namorado escuta alguém?
Adianta falar a namorados?
E será que tenho coisas a dizer-lhes
que eles não saibam, eles que transformam
a sabedoria universal em divino esquecimento?
Adianta-lhes, Senhor, saber alguma coisa,
quando perdem os olhos
para toda paisagem,
perdem os ouvidos
para toda melodia
e só veem, só escutam
melodia e paisagem de sua própria fabricação?

Cegos, surdos, mudos — felizes! — são os namorados
enquanto namorados. Antes, depois
são gente como a gente, no pedestre dia a dia.
Mas quem foi namorado sabe que outra vez
voltará à sublime invalidez
que é signo de perfeição interior.
Namorado é o ser fora do tempo,
fora de obrigação e CPF,
ISS, IFP, Pasep, INPS.

Os códigos, desarmados, retrocedem
de sua porta, as multas envergonham-se
de alvejá-lo, as guerras, os tratados
internacionais encolhem o rabo
diante dele, em volta dele. O tempo,
afiando sem pausa a sua foice,
espera que o namorado desnamore
para sempre.

Mas nascem todo dia namorados
novos, renovados, inovantes,
e ninguém ganha ou perde esta batalha.

Pois namorar é destino dos homens,
destino que regula
nossa dor, nossa doação, nosso inferno gozoso.
E quem vive, atenção:
cumpra sua obrigação de namorar,
sob pena de viver apenas na aparência.
De ser o seu cadáver itinerante.
De não ser. De estar, ou nem estar.

O problema, Senhor, é como aprender, como exercer
a arte de namorar, que audiovisual nenhum ensina,
e vai além de toda universidade.
Quem aprendeu não ensina. Quem ensina não sabe.
E o namorado só aprende, sem sentir que aprendeu,
por obra e graça de sua namorada.

A mulher antes e depois da Bíblia
é pois enciclopédia natural,
ciência infusa, inconsciente, infensa a testes,
fulgurante no simples manifestar-se, chegado o momento.
Há que aprender com as mulheres
as finezas finíssimas do namoro.
O homem nasce ignorante, vive ignorante, às vezes morre
três vezes ignorante de seu coração
e da maneira de usá-lo.

Só a mulher (como explicar?)
entende certas coisas
que não são para entender. São para aspirar
como essência, ou nem assim. Elas aspiram
o segredo do mundo.

Há homens que se cansam depressa de namorar,

outros que são infiéis à namorada.
Pobre de quem não aprendeu direito,
ai de quem nunca estará maduro para aprender,
triste de quem não merecia, não merece namorar.

Pois namorar não é só juntar duas atrações
no velho estilo ou no moderno estilo,
com arrepios, murmúrios, silêncios,
caminhadas, jantares, gravações,
fins de semana, o carro à toda ou a 80,
lancha, piscina, dia dos namorados,
foto colorida, filme adoidado,
rápido motel onde os espelhos
não guardam beijo e alma de ninguém.

Namorar é o sentido absoluto
que se esconde no gesto muito simples,
não intencional, nunca previsto,
e dá ao gesto a cor do amanhecer,
para ficar durando, perdurando,
som de cristal na concha
ou no infinito.

Namorar é além do beijo e da sintaxe,
não depende de estado ou condição.
Ser duplicado, ser complexo,
que em si mesmo se mira e se desdobra,
o namorado, a namorada
não são aquelas mesmas criaturas
que cruzamos na rua.
São outras, são estrelas remotíssimas,
fora de qualquer sistema ou situação.

A limitação terrestre, que os persegue,
tenta cobrar (inveja)
o terrível imposto de passagem:
“Depressa! Corre! Vai acabar! Vai fenecer!

Vai corromper-se tudo em flor esmigalhada
na sola dos sapatos...”
Ou senão:
“Desiste! Foge! Esquece! Esquece!”
E os fracos esquecem. Os tímidos desistem.
Fogem os covardes.
Que importa? A cada hora nascem
outros namorados para a novidade
da antiga experiência.
E inauguram cada manhã
(namoramor)
o velho, velho mundo renovado.

A MÚSICA DA TERRA

A dor habita em nós, o cravo a ignora.
A vida, uma gavota? Pura dança
o amor? No minueto de Lully
cabe a dificuldade de existir?

Quinta-essência do angélico, no caos,
paira a graça de Mozart sobre o abismo,
sem devassá-lo — pássaro de nuvem.
O tempo é outro metal, a comburir-nos.

Urge romper o gosto, a norma límpida,
e sangrentas estilhas do momento
passar à forma nobre da sonata.
Urge extrair do piano o som dramático.

E suscitar o diálogo patético
entre piano e violino, qual se escuta,
na penumbra da alma, a duas vozes,
um rumor de paixão se entretecendo.

Eis que a música deixa de ser pura.
Os serafins e os elfos se despedem.
A terra é lar dos homens, não dos mitos.
Há que desmascarar nosso destino.

Em tatear incessante, no conflito
corpo a corpo entre o ser e a contingência,
nova música, ungida de tristeza
mas radiante de força, vem ao mundo.

Luta o homem na área desolada
de sua solidão; luta no palco
fremente de contrastes, percebendo

que pouco a pouco cerram-se os espaços

da percepção, e tudo se limita
à captação interna, de sinais
silentes, impalpáveis, invisíveis,
nunca porém tão vivos se captados.

À proporção que a dor aumenta, e em volta
nega-lhes o amor seus bálsamos terrestres,
ganha requinte a fábrica sonora
de eternizar a vida breve em arte.

Es muss sein! É preciso! Na amargura,
na derrota do corpo, sublimada,
a canção do heroísmo e a da alegria
resgatam nossa mísera passagem.

E entreabre a sinfonia suas palmas
imensas, a conter todo o rebanho
de perplexos irmãos, de angustiados
prospectores de rumo e de sentido

para a sorte geral. O homem revela-se
na torrente melódica, suplanta
seu escuro nascer, sua insegura
visão do além, turva de morte e medo.

Ó Beethoven, tu nos mostraste o alvorecer.

Posfácio

CANTO CIRCUNSTANCIAL

Sérgio Alcides

O poeta já andava além do outono, aos 75 anos de idade, quando seu *Discurso de primavera e algumas sombras* saiu do prelo, em finais de 1977. A velhice da mão não lhe impedia a renovação da pena. E assim ele deixava passar uma oportunidade (que podia ser sua última) de se entregar ao clássico lugar-comum pelo qual o versejador idoso lamentava estar numa reta final, na estação em que a natureza recomeçaria mais um ciclo.

Aposentadoria? Vida contemplativa? Nada disso, pelo que informava a "orelha": aquele não seria um "livro de individualismo poético, mais voltado para o eu do que para o mundo". Ao contrário, o que se prometia ali era "antes a participação ativa do poeta, como artista e como consciência, no processo global em que estamos empenhados".

Ficara para trás o Drummond outonal de *Claro enigma* (1951) e *Fazendeiro do ar* (1954), que parecia ter banido para sempre de sua obra a noção de uma escrita participante ou empenhada politicamente. E retornava, numa espécie de segunda maturidade, o anterior, que em livros como *Sentimento do mundo* (1940) e *A rosa do povo* (1945) conquistara uma reputação de "poeta público".

Nesse passado distante, quando ainda estava inclinado ao comunismo, ele afirmava um "tempo de partido" e de "homens partidos". Mas sua política na velhice passaria a reclamar uma totalidade em extinção: "eterno (e amoroso) é o homem/ ligado ao quadro natural". A participação pública da poesia tardia de Drummond tinha trocado a antiga sensibilidade social por uma preocupação ecológica, à qual também se associava uma postura pacifista e eminentemente civil. E isto no contexto de um mundo armado até os dentes, conturbado pela Guerra Fria e, na ditadura do Brasil, pelo confronto entre generais à direita e guerrilheiros à esquerda.

Em meio a tanta polarização, Drummond assumira a posição da mais rigorosa equidistância. Desde o final da década de 1940 estava desiludido com a militância partidária e com as utopias planificadoras da vida. Mas o clima revolucionário dos anos 1970 trouxera novas bandeiras, às quais o poeta não se manteve insensível.

Um sentido de urgência afastava esse último Drummond das acomodações próprias da terceira idade. "Que alguém te cante e te descante/ ficou urgente,

Primavera" — escreveu ele, como quem escreve num "papel aberto às gentes". A expressão parece referir-se à própria poesia, pelo caráter de publicidade que ela tem, mas originalmente se liga de maneira mais direta ao jornal cotidiano, onde todas as emergências do tempo vão desembocar.

A imensa maioria dos poemas deste livro foi publicada primeiro na coluna de Drummond no *Jornal do Brasil*, entre 1970 e 1977. Era esta a prática do autor desde a década de 1940. Suas coletâneas anteriores recolhiam textos antes lidos no *Correio da Manhã* e em outros jornais de grande circulação.

Drummond não concebia a poesia senão como discurso dirigido à esfera pública, esse amplo cruzamento de comunicações e interesses heterogêneos, constitutivo da modernidade, que tende a reivindicar a maior liberdade de expressão e de debate, para além das alçadas restritivas do Estado, das igrejas, das universidades, do poder econômico e das tradições. Não é por acaso que os alemães chamam esse âmbito social de *Öffentlichkeit* (literalmente, "aberturidade"). O "papel aberto às gentes" é o jornal, sem deixar de ser também a poesia, assim como o livro, sendo instâncias nesse ponto convergentes, por estarem as três — supostamente — oferecidas ao livre acesso do público.

O engajamento da poesia na esfera pública é um aspecto que atravessa toda a trajetória de Drummond, sem interrupções, como um fundamento ao mesmo tempo ético e poético. Desde o início dos anos 1940, esse vínculo levou o poeta a manter uma presença cada vez mais assídua na imprensa diária do Rio de Janeiro, a ponto de se tornar um mestre também no gênero da crônica. Tal assiduidade se reforçou ainda mais a partir de outubro de 1969, quando Drummond deixou o *Correio da Manhã* e foi para o *JB* — então o jornal mais importante do país, que passaria a publicar sua coluna três vezes por semana.

No fundo, o poeta sempre fora um atento vassalo de Chronos. "O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente" — escrevera, num verso famoso de *Sentimento do mundo*. Com um programa desses, sua obra nunca perderia o interesse crônico pelo fluir temporal e por tudo o que ele aniquila, mais tudo o que é temporário, resquício, resíduo, ruína, perda. Isso inscreve Drummond na longa tradição dos poetas da melancolia, como um parente modernista de Camões e Cláudio Manuel da Costa.

No entanto, o Drummond tardio tem de específico uma entrega mais completa ao tempo presente. Às terças, quintas e sábados, ele entra na

fluência geral e mergulha, junto com os homens presentes, na vida presente e noticiada no mesmo veículo cotidiano. Nesse fluxo, as fronteiras entre o poético e o prosaico vão se misturando e com frequência se invertem, na crônica que soa como poema em prosa ou no poema que parece obra de cronista versificada.

"Versiprosa" — foi a palavra inventada pelo autor para descrever o resultado híbrido que recolhera, das páginas do *Correio da Manhã*, em seu livro de 1967. Era um livro de poemas, mas o subtítulo evocava a prosa do mundo e do tempo como matéria principal: "Crônica da vida cotidiana e de algumas miragens".

Sem contradição com o ângulo melancólico que adotara desde os primeiros livros, tomando sempre a perda como elemento de identificação do sujeito e disparador da poesia, o Drummond tardio instalava sua escrita em pleno movimento das circunstâncias. Sua antiga disposição cética fizera dele um poeta da contingência, desconfiado tanto da providência divina quanto da ideia laica de uma "necessidade histórica". Na encruzilhada entre melancolia e ceticismo, era como se nem lhe parecesse concebível uma poesia que não fosse de algum modo circunstancial.

Mas a poesia de circunstância sempre foi considerada um gênero menor — embora não deixasse de cativar um público amplo, o qual no Brasil foi se tornando menos exigente, à medida que aumentava, na segunda metade do século XX. A coluna de Drummond podia fazer sucesso entre os leitores do *JB*, mas os livros que depois brotavam dessa fonte não convenciam a crítica mais severa. Para Luiz Costa Lima, por exemplo, o poeta perdera a virtude corrosiva de seus melhores tempos. E bem sugestivo foi o título do ensaio em que Flora Süssekind expôs suas objeções, logo após a morte de Drummond, em 1987: "Um poeta invade a crônica". O que estava em jogo, afinal, era o risco de se transferir para a poesia uma obrigação da crônica que em princípio lhe deveria ser estranha — a de agradar aos leitores do jornal que a veicula.

Discurso de primavera e algumas sombras é um livro que tem tudo para atrair essas críticas. Muitos de seus poemas estão tão subordinados ao noticiário do momento que, se pareceram bem fáceis de entender para seus leitores de primeira hora, hoje podem soar ininteligíveis sem uma pesquisa nos arquivos do jornal. Por outro lado, se agora consideramos essa estranha inatualidade do que um dia foi atual demais, este livro se revela paradoxalmente radical e até "drummondiano" no sentido mais rigoroso. O

que suas páginas mostram para o leitor de hoje é a vida irresgatável, a emergência já passada, a data esquecida, a perda da experiência como condição mais determinante da escrita.

Enfim, tinha razão o redator anônimo da "orelha" da edição original, ao dizer que se tratava ali de uma "poesia no tempo e sobre o tempo". Vale a pena ouvir com atenção o que falam as "orelhas" dos livros de Drummond publicados pela José Olympio entre as décadas de 1940 e 1980 — não só porque dizem que o próprio autor as redigia, mas sobretudo porque elas dão um testemunho riquíssimo sobre os movimentos de sua obra, seus deslocamentos, suas reviravoltas, sua temperatura.

O anônimo da José Olympio nos permite observar, por exemplo, que em *Discurso de primavera* o autor havia rompido com a organização recente de sua obra poética, iniciando um novo ciclo. A "orelha" de seu livro anterior, *As impurezas do branco*, de 1973, falava em "três linhas distintas de poesia" seguidas por Drummond aos setenta anos de idade. A primeira era a memorialística, da série *Boitempo*; a segunda foi chamada de "lúdica", humorística, de *Versiprosa*; e a terceira era "a que, por falta de melhor qualificação, se poderia chamar de geral, com equilíbrio de reações temperamentais e identificação com o mundo", à qual pertenceria o livro então apresentado. Seria difícil remeter a apenas uma dessas linhas o verso de *Discurso de primavera*, que em 1977 o anônimo dizia ter aquirido "a utilidade imediata que tem um sinal de alarme ou um grito de SOS varando a noite".

Em 1983, a "orelha" de *Nova reunião* reforçava esse engajamento, falando de uma poesia que, sendo "aparentemente individualista", seria de fato um "vigoroso instrumento de participação social". Ao descrever o repertório do poeta, o redator aludia explicitamente aos principais temas deste livro, como "o resgate da mísera condição terrestre" na música de Beethoven e o protesto contra "a gradativa destruição da terra por seus habitantes". E resumia tudo — memória, humor e temperamento — ao termo antes adotado para designar a terceira daquelas linhas: "Este é Drummond, um 'poeta geral'".

É precisamente o "viver geral" aquilo que desperta a poesia de *Discurso de primavera*, inclinada à crônica e movida pelo noticiário cotidiano. Ela pretende situar-se, como o Cristo do Corcovado, no Rio, "bem mais perto/ da humana contingência". Tão inatual na sua atualíssima efemeridade, ela está impregnada do tempo com o qual foi escrita e que desde a primeira publicação a vem corroendo e transformando — assim como, numa

escultura de ferro, a oxidação continua o trabalho do artista à revelia dele.

O que o poeta hoje entrega ao leitor deste livro são resíduos da vida em geral do Brasil nos anos 1970 e da circunstância de — nesse lugar, nessa época — estar no mundo e observá-lo intensamente. Esta é a poesia tardia de Drummond, sua deriva no tempo que foi sua matéria, seu papel e sua tinta. E ela se reparte em poemas variados, desiguais, que mostram o melhor e o pior do autor, seu inconfundível apuro de artífice constante, seu inevitável artificialismo de escriba constantemente apurado.

Certas composições sobrevivem mais ou menos inteiras ao desaparecimento do contexto que as motivou. Outras ameaçam desaparecer com ele, porque nele se perdeu seu interesse. Estas, no entanto, apenas trocaram de fascínio: a própria perda inscrita nelas constitui experiência estética. "Canto circunstancial", pode-se dizer, aproveitando o título que a primeira parte do poema "E aconteceu a Primavera" recebeu ao ser publicada pela primeira vez, no *JB*, para saudar a chegada da nova estação, em setembro de 1975.

Nessa época, Drummond era uma indústria. Praticamente todo ano entregava ao prelo pelo menos um livro novo, em prosa ou em verso. As vendas às vezes obrigavam a José Olympio a imprimir duas ou três tiragens seguidas de cada publicação. Em 1977, a *Antologia poética* lançada em 1962 chegou à décima edição, e os *Contos de aprendiz*, de 1951, tiveram mais duas, a 15ª e a 16ª. Além de *Discurso de primavera*, o autor publicou nesse ano também as crônicas de *Os dias lindos*, e ainda participou do estrondoso êxito editorial que foi o lançamento da série *Para gostar de ler*, da editora Ática, reunindo crônicas suas, de Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Rubem Braga. Como se não bastasse, também saiu nesse ano a terceira edição (ampliada) de sua obra reunida, *Poesia completa e prosa*, na série em papel-bíblia da editora Nova Aguilar. E no ano seguinte seu sucesso chegaria à indústria fonográfica, com um álbum duplo de poemas lidos pelo autor, em *long-play*, lançado por uma gravadora comercial, a Polygram/Philips.

A primeira edição de *Discurso de primavera* foi publicada fora do comércio como brinde oferecido por uma agência de publicidade, em capa dura, com ilustrações de Carybé, e trazendo a marca da editora Record. Pode ser que o leitor de hoje nem acredite nisso, mas é verdade que a MPM Propaganda distribuía a seus clientes, como presente de fim de ano, livros inéditos de Erico Verissimo (*Solo de clarineta*, de 1973), Mário Quintana (*Quintanares*, de 1976) e Graciliano Ramos (*Cartas*, de 1980), entre outros escritores

brasileiros. E na época era a maior agência publicitária do Brasil, notória, por exemplo, pela campanha que divulgou a entrada da Fiat no mercado automobilístico do país.

O livro chegou às livrarias só na primavera de 1978, em segunda edição, já com o selo regular da José Olympio. Quinze poemas tinham sido acrescentados, mas o organismo permanecia igual. Vinha dividido em seis seções, que cobrem o repertório da coluna trissemanal de Drummond. A primeira, "Notícias do Brasil", liga-se mais diretamente a preocupações surgidas com o noticiário, como a estiagem que ameaçou secar o rio São Francisco, no verão de 1971, o escândalo de outubro de 1975 com a poluição do rio Tietê, ou a desfiguração urbanística de Belo Horizonte, denunciada no *Estado de Minas* em agosto de 1976. A segunda, "Os marcados", é movida a efemérides acerca de pessoas queridas ou admiradas, comemorando o aniversário de amigos como Pedro Nava ou Aires da Mata Machado, relembrando confrades mortos, como Augusto Frederico Schmidt e Manuel Bandeira, ou homenageando os recém-falecidos, como Murilo Mendes, Di Cavalcanti e Clarice Lispector. A terceira, "São Sebastião e pecadores do Rio de Janeiro", é dedicada à cidade de adoção do poeta. Já a quarta, "Capítulos de história colonial", volta-se para as origens mineiras. A quinta, "Assim vai (?) o mundo", replica interrogativamente a primeira, mas agora no âmbito das notícias internacionais, como a realização em Estocolmo da Primeira Conferência da ONU sobre o Meio Ambiente, em junho de 1972, ou a declaração de um cessar-fogo no Vietnã, em janeiro de 1973. Por fim, a sexta, "Música de fundo", é como se fosse o "Caderno B" do livro, mais livre das pautas imediatas, mais espaçosa para o aprofundamento em assuntos difíceis, como o diálogo consigo próprio, a virtude de Madalena (uma pecadora) ou a "dificuldade de existir" acolhida pela música de Beethoven — envolvendo assim os temas que se isentam do calor da hora mas não deixam de perpassá-lo, soando ao redor dele, na consciência interrogadora do indivíduo entregue ao tempo.

Praticamente nenhum poema deste livro está livre de alguma amarra contextual. A sucessão dos títulos documenta o embate entre a imaginação criadora do poeta e os estímulos externos que a mobilizam, os quais deixam, aqui, vestígios mais perceptíveis do que em coletâneas anteriores.

Entre os vários poemas excessivamente presos a um contexto hoje

esquecido, um dos mais interessantes é "Postal para Catherine", remanescente da coluna de Drummond no *Correio da Manhã*. Quem o leu nesse jornal, no domingo 11 de maio de 1969, pôde identificar seu motivo de imediato. Na semana anterior, a imprensa brasileira noticiou o drama de uma menina belga internada com leucemia num hospital parisiense, em estado terminal; sabendo que estava condenada, ela pedira a crianças de todos os países que lhe enviassem cartões-postais de suas cidades, para que ela pudesse conhecer o mundo mesmo sem poder viajar. O secretário de Educação da Guanabara decidiu intervir no caso e pôs as escolas do Rio em prontidão, com o apoio da Air France e da ECT. E por alguns dias o caso comoveu a opinião pública brasileira — incluindo o poeta, que redigiu em versos ligeiramente irônicos seu próprio apelo, abruptamente interrompido por outra reação ao noticiário recente:

> ... A Cacilda aqui perto
> de nós e sem olhar
> que fale de um desejo,
> sem voz que nos devolva
> as suas trinta vidas
> de trinta personagens
> no quarto angustiado
> à espera de Godot
> à espera da esperança,
> que daremos senão
> amor amor em pânico
> se ela não pede nada?

E esta Cacilda o leitor culto de hoje talvez ainda reconheça como a atriz Cacilda Becker, mas poderá não saber que por aqueles dias ela estava internada no Rio, inconsciente. Na terça-feira anterior, 6 de maio, ela sofrera um derrame em cena, durante uma apresentação da peça *Esperando Godot*, de Samuel Beckett, e viria a morrer no mês seguinte.

O poema é bem escrito, bem metrificado em seu verso quebrado, que sutilmente acentua o prosaísmo do texto com uma tônica na sexta sílaba. No entanto, agora que Catherine e o secretário de Educação descansam na mesma obscuridade, ele perde a força inicial se não dispuser de uma prolixa nota de rodapé que lhe esclareça os vínculos passados (e perdidos).

É um exemplo bem menos brilhante do procedimento seguido por

Drummond muitos anos antes em seu famoso "Morte do leiteiro", de *A rosa do povo*, que se impõe num plano universal sem necessidade de resgate do acontecimento particular disparador da fantasia. Como objeto artístico, fictício, o texto pode ter partido de uma figura noticiosa, mas a transfiguração poética o tornara irredutível a essa origem acontecimental. E assim, a seu modo, Drummond seguia o gesto modernista de Manuel Bandeira, em seu provocativo "Poema tirado de uma notícia de jornal".

Várias outras composições deste livro conseguem o mesmo feito, emergindo das circunstâncias sem deixar de incorporá-las à fatura da poesia. Entre estas, destaca-se logo no início da primeira seção "Kreen-akarore", na qual o poeta retorna a um de seus tópicos mais característicos, o da recusa. E o objeto negado agora é a própria civilização moderna e "branca":

> Gigante que recusas
> encarar-me nos olhos,
> apertar minha mão
> temendo que ela seja
> uma faca, um veneno,
> uma tocha de incêndio;

— diz o poeta, assumindo como *persona* a má consciência da instância recusada.

> Só tenho para dar-te
> em turvo condomínio
> o pesadelo urbano
> de ferros e de fúrias

— continua ele, para concluir comparando a esquivança do índio à própria esperança de paz, que também "se furta e se apaga/ medusada de medo". E basta. O leitor de hoje não necessita de nenhuma informação adicional para receber todo o impacto do texto.

Isso não significa que, para compreender melhor a poesia tardia de Drummond, não seja relevante saber que esse poema publicado no *JB* de terça-feira, 25 de julho de 1972, tocava numa das mais terríveis tragédias dos anos de chumbo. Nas semanas anteriores, a grande imprensa do Sudeste tinha iniciado a cobertura cada vez mais sensacional da tentativa de "atrair" uma tribo isolada e arredia — cujas terras na bacia do rio Peixoto de

Azevedo, na divisa entre o Mato Grosso e o Pará, seriam cortadas pela rodovia BR-163 (Cuiabá-Santarém), então em construção. A operação era conduzida heroicamente pelos irmãos Cláudio e Orlando Villas-Bôas, que desde 1969 tentavam contato com os índios e consideravam a transferência deles para o Parque do Xingu, para evitar que fossem dizimados.

Eram os Kreen-akarore, só mais tarde identificados como os Panará, descendentes dos Caiapó do Sul que no século XVIII migraram para o Norte em busca de refúgio. Até então apenas um indivíduo desse grupo era conhecido, por ter sido criado por outra tribo, e — como ele era casualmente muito alto — espalhou-se o mito dos misteriosos "índios gigantes" perdidos na Amazônia. Tinham sido "redescobertos" poucos anos antes, em julho de 1967, quando um grupo deles se aproximou pacificamente da base aérea da FAB na Serra do Cachimbo e foi rechaçado com tiros de metralhadora e voos rasantes. Depois as obras iniciadas pelo Exército atraíram peões, garimpeiros e madeireiros, que trouxeram doenças, mais violência e costumes nocivos. Quando finalmente se deu a transferência dos índios para o Xingu, em 1975, sobreviviam apenas 79 integrantes da tribo, de uma população antes estimada em até 600 pessoas.

A *persona* adotada por Drummond no poema parece incorporar o amargor das declarações de Orlando Villas-Bôas publicadas pelo "enviado especial" do *JB* em reportagem de 21 de junho de 1972. Para o sertanista, quando a "atração" pacífica finalmente acontecesse, ele e seu irmão Cláudio estariam "consumando mais um crime contra o índio, sempre em nome da nossa civilização". E os índios, disse Villas-Bôas ao repórter Mario Chimanovitch, "a tudo assistem, com os olhos de povos tragediados".

Essa consciência trágica e culposa atravessa *Discurso de primavera* e se liga diretamente ao aspecto emergencial da última poesia de Drummond. Era urgente escrever, como se fosse para salvar os índios na última hora, mas sabendo desde logo que a salvação não só fracassaria como ainda deixaria o poeta com sangue nas mãos.

Perdurava a melancolia drummondiana, que no entanto nada tinha de incompatível com o humor e o uso cortante da ironia. Agora, a aproximação entre a poesia e a crônica favorecia especialmente a sátira. O canto circunstancial do Drummond tardio com frequência se volta para o gênero antigamente chamado de "baixo", que o velho Horácio denominava "pedestre", como se fosse a poesia sem as asas do lirismo nem os cavalos da epopeia.

É o caso de um dos poemas centrais deste livro, "Antibucólica 1972", publicado no *JB* em junho desse ano, no contexto da conferência de Estocolmo sobre o meio ambiente. O mote foi a notícia de que cientistas americanos tinham descoberto que a fotossíntese também contribuía para a poluição atmosférica: "até a clorofila entra na fila/ dos poluidores" — reagiu o poeta irônico, assumindo um andamento empostado, decassilábo, com o qual parodiava o ritmo e o estilo dos *Lusíadas*:

Nó mais, verde, nó mais, que a língua tenho
(Camões que me perdoe, com seu engenho)
acidulada e a voz enrouquecida.
Já tusso, já sufoco, já me vejo
na horizontal postura inarredável
só de papar um mísero legume
ou de alecrim cheirar meigo perfume
que esconde no seu seio algo terrível.

Drummond estropiava a oitava 145 do Canto X de Camões — "Nó mais, Musa, nó mais" (significando "*Não* mais, Musa, *não* mais"), "que a Lira tenho/ destemperada e a voz enrouquecida"). Mais adiante, mistura a referência clássica com uma alusão cômica à seara da MPB:

É grama, é folha, é rama, ó Tom, é planta,
são as flores de março...

— porque naquele mesmo ano fora lançada a famosa canção de Antônio Carlos Jobim.

Outro exemplo de recurso à sátira se vê num poema que saiu no *JB* em fevereiro de 1976, poucos dias depois de o jornal noticiar que uma importante peça do patrimônio cultural mineiro estava prestes a ser vendida a empresários paulistas ou ao estado de São Paulo. Não poderia ser mais prosaico o assunto de "Ataíde à venda?", cujo objetivo era simplesmente evitar que os padres lazaristas do Santuário do Caraça, em Minas Gerais, fossem obrigados a aceitar as propostas que vinham recebendo acerca de uma *Última Ceia* pintada por Manuel da Costa Ataíde, uma tela de 1828, pertencente ao acervo de sua capela.

— Quanto quer pelo Ataíde?

fala ao padre lazarista
o emissário paulista
de olhar guloso na “Ceia”
que na aguda serrania
ilumina qual candeia
as ruínas do Caraça.

Assim inicia Drummond seu poema, resumindo todo o contexto em um punhado de versos de redondilha popular finamente lavrados. Mais adiante, empresta sua maestria à fala aliciadora do pretenso comprador:

— Já disse: não. — Ah, desculpe,
prefere que se desfaça
a obra de Mestre Manuel
no desgaste que lhe inflige
o dente roaz do Tempo
em sua faina cruel?
Quer ver Cristo desbotado,
carcomido, atomizado,
mancha pálida no pano?

E, na conclusão, exorta o governo de Minas e outras instituições a tomarem uma providência (mais uma vez seguindo Bandeira, que em sua poesia de circunstância também chamava a atenção das autoridades negligentes):

Corre, corre, Aureliano,
vai, Conselho de Cultura,
depressa, Assembleia, vai,
salva os padres agoniados
da prontidão que os achaca,
e salvando-os, preservando-os
da mercantil ameaça,
salva a arte, salva a glória,
salva o máximo tesouro,
a riqueza que não passa:
Cristo-Ceia do Caraça!

Que terá sentido o governador Aureliano Chaves — “biônico”, ou seja: nomeado pelos generais — ao ver seu nome estampado num poema de Drummond? Considerou, por acaso, que isso talvez o roubasse do perpétuo

esquecimento? Seja como for, o poeta declarou em sua coluna seguinte que o mandatário lhe escrevera prometendo "urgentes providências".

Que o quadro de Ataíde continue exposto nas paredes do Caraça, já restaurado e tombado, talvez tenha algo a ver com a participação na esfera pública da poética tardia de Drummond. Essa possível eficácia, por ser sempre tão precária e incerta, importa menos do que o feito de a poesia ocasionalmente elevar a contingência do "viver geral" a esse plano transfigurado da "riqueza que não passa". É o plano que Drummond representa como oposto aos seus inimigos de eleição neste livro: os exterminadores de índios, os devastadores da natureza, a "mercantil ameaça" dos plutocratas, a ideologia do progresso a qualquer custo.

O último Drummond parece mesmo apontar para uma certa proximidade entre a figura do poeta e a do "homem público", ou pelo menos para a possibilidade de ambos habitarem o mesmo mundo republicano. O tema vem à tona num dos poemas mais impressionantes deste livro, que é a homenagem em novembro de 1975 pelos setenta anos do jurista mineiro Afonso Arinos de Melo Franco, escritor e ex-ministro das Relações Exteriores, velho amigo de Drummond. Ele é louvado por lutar pelo bem comum

> armado só de palavra,
> entre leis estraçalhadas,
> esperanças malogradas
> e sinais de mundo novo
> rogando decifração.

Grande parte do esforço do Drummond tardio interroga esse mundo cifrado por estar em transformação, o qual constantemente ameaça expulsar quem não cede aos seus rogos nem negocia com ele o malogro de suas esperanças passadas. O trecho insinua, de passagem, o protesto contra o regime de exceção que violava os códigos legais. Na direção contrária, também se ouve nele uma nota de ceticismo quanto aos que tentavam lutar com mais do que palavras.

Também é só esse o armamento do poeta. Se fosse compositor, lutaria com notas musicais, apenas. Assim como se espelha nas virtudes públicas do político justo, Drummond continua de algum modo a falar de seu ofício em "A música da terra", uma ode publicada no *JB* para marcar o sesquicentenário da morte de Beethoven, em 26 de março de 1977. No livro,

ela aparece por último, escolhida para o *finale*, como se recapitulasse todos os temas abordados nos movimentos anteriores.

É um desfecho solene, em quadras decassílabicas que, de saída, saltam da efeméride circunstancial direto para a metafísica: "A dor habita em nós". O motivo a ser desenvolvido é: como captá-la em forma artística? "Eis que a música deixa de ser pura" — diz o poeta, chamando a atenção para a necessidade de "sujar" a arte com a vida, num "tatear incessante, no conflito/ corpo a corpo entre o ser e a contingência".

É provável que esse conflito e o reconhecimento da impureza afinal sirvam para definir toda a obra drummondiana no quadro da poesia moderna. O Drummond tardio escolhe tatear no chão circunstancial da vida cotidiana, direto na fonte. Reforçando o engajamento de sempre com a esfera pública, instala-se em prosa e verso na "casa do jornal". Como afirma em poema de 1973, comemorando a inauguração da nova sede do *JB*, na avenida Brasil, era ali que as rotativas trabalhavam "devolvendo ao tempo/ o testemunho do tempo". Hoje o *JB* até já saiu de circulação. Mas o *Discurso de primavera* está nas mãos do leitor, cumprindo a mesma tarefa.

Leituras recomendadas

CORREIA, Marlene de Castro.
Drummond: a magia lúcida.
Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GLEDSON, John.
Poesia e poética de Carlos Drummond de Andrade.
São Paulo: Duas Cidades, 1981.

LIMA, Luiz Costa.
"O princípio-corrosão na poesia
de Carlos Drummond de Andrade".
In: *Lira e antilira*.
Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

SÜSSEKIND, Flora.
"Um poeta invade a crônica".
In: *Papéis colados*.
Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

Cronologia

1902 Nasce Carlos Drummond de Andrade, em 31 de outubro, na cidade de Itabira do Mato Dentro (MG), nono filho de Carlos de Paula Andrade, fazendeiro, e Julieta Augusta Drummond de Andrade.

1910 Inicia o curso primário no Grupo Escolar Dr. Carvalho Brito.

1916 É matriculado como aluno interno no Colégio Arnaldo, em Belo Horizonte. Conhece Gustavo Capanema e Afonso Arinos de Melo Franco. Interrompe os estudos por motivo de saúde.

1917 De volta a Itabira, toma aulas particulares com o professor Emílio Magalhães.

1918 Aluno interno do Colégio Anchieta da Companhia de Jesus, em Nova Friburgo, colabora na *Aurora Colegial*. No único exemplar do jornalzinho *Maio...*, de Itabira, o irmão Altivo publica o seu poema em prosa "Onda".

1919 É expulso do colégio em consequência de incidente com o professor de português. Motivo: "insubordinação mental".

1920 Acompanha sua família em mudança para Belo Horizonte.

1921 Publica seus primeiros trabalhos no *Diário de Minas*. Frequenta a vida literária de Belo Horizonte. Amizade com Milton Campos, Abgar Renault, Emílio Moura, Alberto Campos, Mário Casassanta, João Alphonsus, Batista Santiago, Aníbal Machado, Pedro Nava, Gabriel Passos, Heitor de Sousa e João Pinheiro Filho, habitués da Livraria Alves e do Café Estrela.

1922 Seu conto "Joaquim do Telhado" vence o concurso da *Novela Mineira*. Trava contato com Álvaro Moreyra, diretor de *Para Todos...* e *Ilustração Brasileira*, no Rio de Janeiro, que publica seus trabalhos.

1923 Ingressa na Escola de Odontologia e Farmácia de Belo Horizonte.

1924 Conhece, no Grande Hotel de Belo Horizonte, Blaise Cendrars, Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, que regressam de excursão às cidades históricas de Minas Gerais.

1925 Casa-se com Dolores Dutra de Morais. Participa — juntamente com Martins de Almeida, Emílio Moura e Gregoriano Canedo — do lançamento de *A Revista*.

1926 Sem interesse pela profissão de farmacêutico, cujo curso concluíra no ano anterior, e não se adaptando à vida rural, passa a lecionar geografia e português em Itabira. Volta a Belo Horizonte e, por iniciativa de Alberto Campos, ocupa o posto de redator e depois redator-chefe do *Diário de Minas*. Villa-Lobos compõe uma seresta sobre o poema

"Cantiga de viúvo" (que iria integrar *Alguma poesia*, seu livro de estreia).

1927 Nasce em 22 de março seu filho, Carlos Flávio, que morre meia hora depois de vir ao mundo.

1928 Nascimento de sua filha, Maria Julieta. Publica "No meio do caminho" na *Revista de Antropofagia*, de São Paulo, dando início à carreira escandalosa do poema. Torna-se auxiliar na redação da *Revista do Ensino*, da Secretaria de Educação.

1929 Deixa o *Diário de Minas* e passa a trabalhar no *Minas Gerais*, órgão oficial do estado, como auxiliar de redação e, pouco depois, redator.

1930 *Alguma poesia*, seu livro de estreia, sai com quinhentos exemplares sob o selo imaginário de Edições Pindorama, de Eduardo Frieiro. Assume o cargo de auxiliar de gabinete de Cristiano Machado, secretário do Interior. Passa a oficial de gabinete quando seu amigo Gustavo Capanema assume o cargo.

1931 Morre seu pai.

1933 Redator de *A Tribuna*. Acompanha Gustavo Capanema durante os três meses em que este foi interventor federal em Minas.

1934 Volta às redações: *Minas Gerais*, *Estado de Minas*, *Diário da Tarde*, simultaneamente. Publica *Brejo das almas* (duzentos exemplares) pela cooperativa Os Amigos do Livro. Transfere-se para o Rio de Janeiro como chefe de gabinete de Gustavo Capanema, novo ministro da Educação e Saúde Pública.

1935 Responde pelo expediente da Diretoria-Geral de Educação e é membro da Comissão de Eficiência do Ministério da Educação.

1937 Colabora na *Revista Acadêmica*, de Murilo Miranda.

1940 Publica *Sentimento do mundo*, distribuindo entre amigos e escritores os 150 exemplares da tiragem.

1941 Mantém na revista *Euclides*, de Simões dos Reis, a seção "Conversa de Livraria", assinada por "O Observador Literário". Colabora no suplemento literário de *A Manhã*.

1942 Publica *Poesias*, na prestigiosa Editora José Olympio.

1943 Sua tradução de *Thérèse Desqueyroux*, de François Mauriac, vem a lume sob o título *Uma gota de veneno*.

1944 Publica *Confissões de Minas*.

1945 Publica *A rosa do povo* e *O gerente*. Colabora no suplemento literário do *Correio da Manhã* e na *Folha Carioca*. Deixa a chefia do gabinete de Capanema e, a convite de Luís Carlos Prestes, figura como codiretor do diário comunista *Tribuna Popular*. Afasta-se meses depois por discordar da orientação do jornal. Trabalha na Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN), onde mais tarde se tornará chefe da Seção de História, na Divisão de Estudos e Tombamento.

1946 Recebe o Prêmio de Conjunto de Obra, da Sociedade Felipe d'Oliveira.

1947 É publicada a sua tradução de *Les Liaisons dangereuses*, de Laclos.

1948 Publica *Poesia até agora*. Colabora em *Política e Letras*. Acompanha o enterro de sua mãe, em Itabira. Na mesma hora, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, é executado o "Poema de Itabira", de Villa-Lobos, a partir do seu poema "Viagem na família".

1949 Volta a escrever no *Minas Gerais*. Sua filha, Maria Julieta, casa-se com o escritor e advogado argentino Manuel Graña Etcheverry e vai morar em Buenos Aires. Participa do movimento pela escolha de uma diretoria apolítica na Associação Brasileira de Escritores. Contudo, juntamente com outros companheiros, desliga-se da sociedade por causa de atritos com o grupo esquerdista.

1950 Viaja a Buenos Aires para acompanhar o nascimento do primeiro neto, Carlos Manuel.

1951 Publica *Claro enigma*, *Contos de aprendiz* e *A mesa*. O volume *Poemas* é publicado em Madri.

1952 Publica *Passeios na ilha* e *Viola de bolso*.

1953 Exonera-se do cargo de redator do *Minas Gerais* ao ser estabilizada sua situação de funcionário da DPHAN. Vai a Buenos Aires para o nascimento do seu neto Luis Mauricio. Na capital argentina aparece o volume *Dos poemas*.

1954 Publica *Fazendeiro do ar* & *Poesia até agora*. É publicada sua tradução de *Les Paysans*, de Balzac. A série de palestras "Quase memórias", em diálogo com Lia Cavalcanti, é veiculada pela Rádio Ministério da Educação. Dá início à série de crônicas "Imagens", no *Correio da Manhã*, mantida até 1969.

1955 Publica *Viola de bolso novamente encordoada*. O livreiro Carlos Ribeiro publica edição fora de comércio do *Soneto da buquinagem*.

1956 Publica *Cinquenta poemas escolhidos pelo autor*. Sai sua tradução de *Albertine disparue*, ou *La Fugitive*, de Marcel Proust.

1957 Publica *Fala, amendoeira* e *Ciclo*.

1958 Uma pequena seleção de seus poemas é publicada na Argentina.

1959 Publica *Poemas*. Ganha os palcos a sua tradução de *Doña Rosita la Soltera*, de García Lorca, pela qual recebe o Prêmio Padre Ventura.

1960 É publicada a sua tradução de *Oiseaux-Mouches Ornithorynques du Brésil*, de Descourtilz. Colabora em *Mundo Ilustrado*. Nasce em Buenos Aires seu neto Pedro Augusto.

1961 Colabora no programa *Quadrante*, da Rádio Ministério da Educação. Morre seu irmão Altivo.

1962 Publica *Lição de coisas, Antologia poética* e *A bolsa & a vida*. Aparecem as traduções de *L'Oiseau bleu*, de Maeterlinck, e *Les Fourberies de Scapin*, de Molière, recebendo por esta novamente o Prêmio Padre Ventura. Aposenta-se como chefe de seção da DPHAN, após 35 anos de serviço público.

1963 Aparece a sua tradução de *Sult* (*Fome*), de Knut Hamsun. Recebe, pelo livro *Lição de coisas*, os prêmios Fernando Chinaglia, da União Brasileira de Escritores, e Luísa Cláudio de Sousa, do PEN Clube do Brasil. Inicia o programa *Cadeira de Balanço*, na Rádio Ministério da Educação.

1964 Publicação da *Obra completa*, pela Aguilar. Início das visitas, aos sábados, à biblioteca de Plínio Doyle, evento mais tarde batizado de "Sabadoyle".

1965 Publicação de *Antologia poética* (Portugal); *In the Middle of the Road* (Estados Unidos); *Poesie* (Alemanha). Com Manuel Bandeira, edita *Rio de Janeiro em prosa & verso*. Colabora em *Pulso*.

1966 Publicação de *Cadeira de balanço* e de *Natten och Rosen* (Suécia).

1967 Publica *Versiprosa, José & outros, Uma pedra no meio do caminho: biografia de um poema, Minas Gerais* (*Brasil, terra e alma*), *Mundo, vasto mundo* (Buenos Aires) e *Fyzika Strachu* (Praga).

1968 Publica *Boitempo & A falta que ama*.

1969 Passa a colaborar no *Jornal do Brasil*. Publica *Reunião* (dez livros de poesia).

1970 Publica *Caminhos de João Brandão*.

1971 Publica *Seleta em prosa e verso*. Sai em Cuba a edição de *Poemas*.

1972 Publica *O poder ultrajovem*. Suas sete décadas de vida são celebradas em suplementos pelos maiores jornais brasileiros.

1973 Publica *As impurezas do branco, Menino antigo, La bolsa y la vida* (Buenos Aires) e *Réunion* (Paris).

1974 Recebe o Prêmio de Poesia da Associação Paulista de Críticos Literários.

1975 Publica *Amor, amores*. Recebe o Prêmio Nacional Walmap de Literatura. Recusa por motivo de consciência o Prêmio Brasília de Literatura, da Fundação Cultural do Distrito Federal.

1977 Publica *A visita, Discurso de primavera* e *Os dias lindos*. É publicada na Bulgária uma antologia intitulada *Sentimento do mundo*.

1978 A Editora José Olympio publica a segunda edição (corrigida e aumentada) de *Discurso de primavera e algumas sombras*. Publica *O marginal Clorindo Gato* e *70 historinhas*, reunião de pequenas histórias selecionadas em seus livros de crônicas. *Amar-Amargo* e *El poder ultrajoven* saem na Argentina. A PolyGram lança dois LPs com 38 poemas lidos pelo autor.

1979 Publica *Poesia e prosa*, revista e atualizada, pela Editora Nova Aguilar. Sai também seu livro *Esquecer para lembrar*.

1980 Recebe os prêmios Estácio de Sá, de jornalismo, e Morgado Mateus (Portugal), de poesia. Publicação de *A paixão medida*, *En Rost at Folket* (Suécia), *The Minus Sign* (Estados Unidos), *Poemas* (Holanda) e *Fleur, téléphone et jeune fille*... (França).

1981 Publica, em edição fora de comércio, *Contos plausíveis*. Com Ziraldo, lança *O pipoqueiro da esquina*. Sai a edição inglesa de *The Minus Sign*.

1982 Aniversário de oitenta anos. A Biblioteca Nacional e a Casa de Rui Barbosa promovem exposições comemorativas. Recebe o título de doutor *honoris causa* pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Publica *A lição do amigo*. Sai no México a edição de *Poemas*.

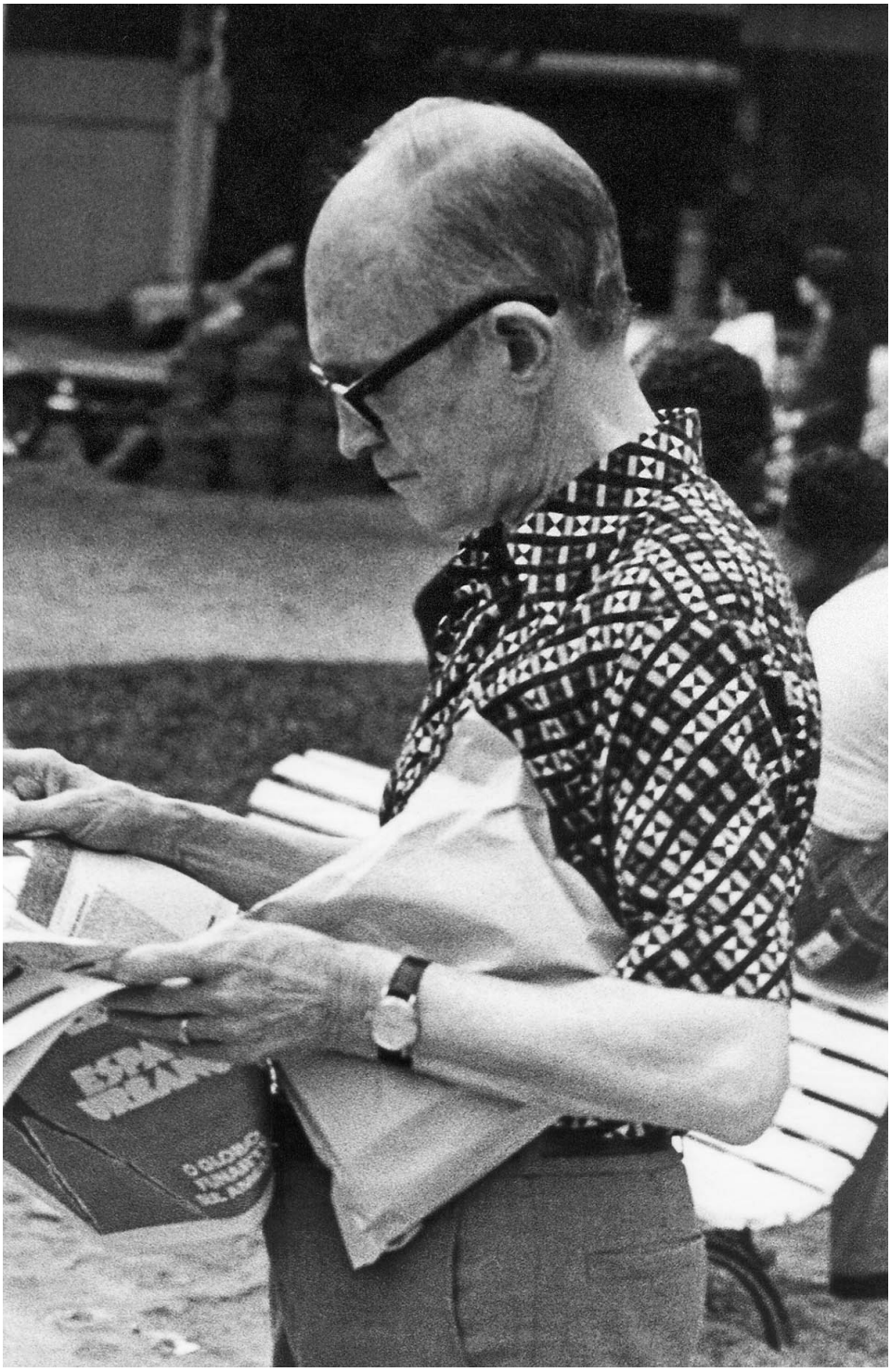
1983 Declina do Troféu Juca Pato. Publica *Nova reunião* e o infantil *O elefante*.

1984 Publica *Boca de luar* e *Corpo*. Encerra sua carreira de cronista regular após 64 anos dedicados ao jornalismo.

1985 Publica *Amar se aprende amando, O observador no escritório, História de dois amores* (infantil) e *Amor, sinal estranho* (edição de arte). Lançamento comercial de *Contos plausíveis*. Publicação de *Fran Oxen Tid* (Suécia).

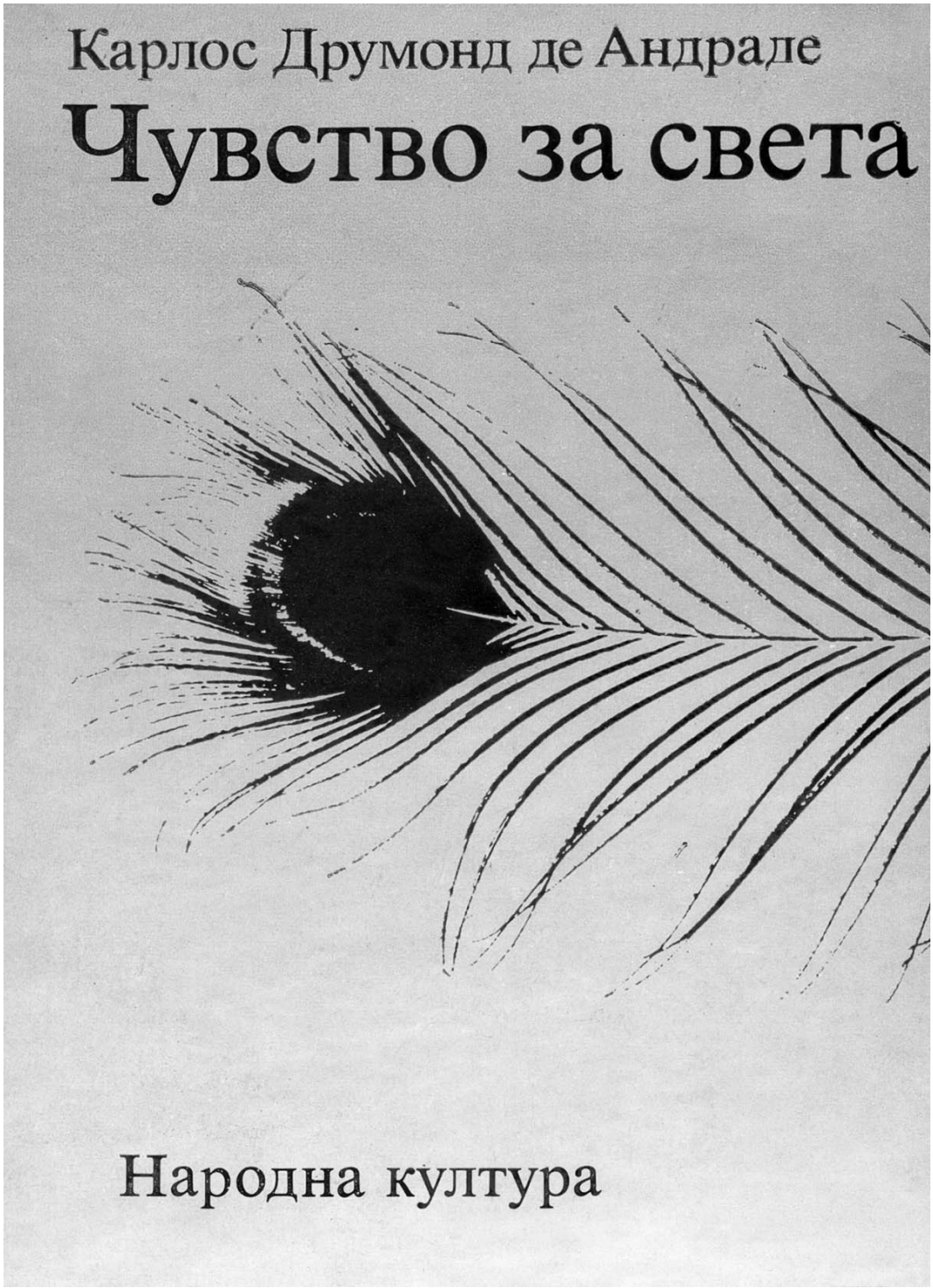
1986 Publica *Tempo, vida, poesia*. Sofrendo de insuficiência cardíaca, passa catorze dias hospitalizado. Edição inglesa de *Travelling in the Family*.

1987 É homenageado com o samba-enredo "O reino das palavras", pela Estação Primeira de Mangueira, que se sagra campeã do Carnaval. No dia 5 de agosto morre sua filha, Maria Julieta, vítima de câncer. Muito abalado, morre em 17 de agosto.

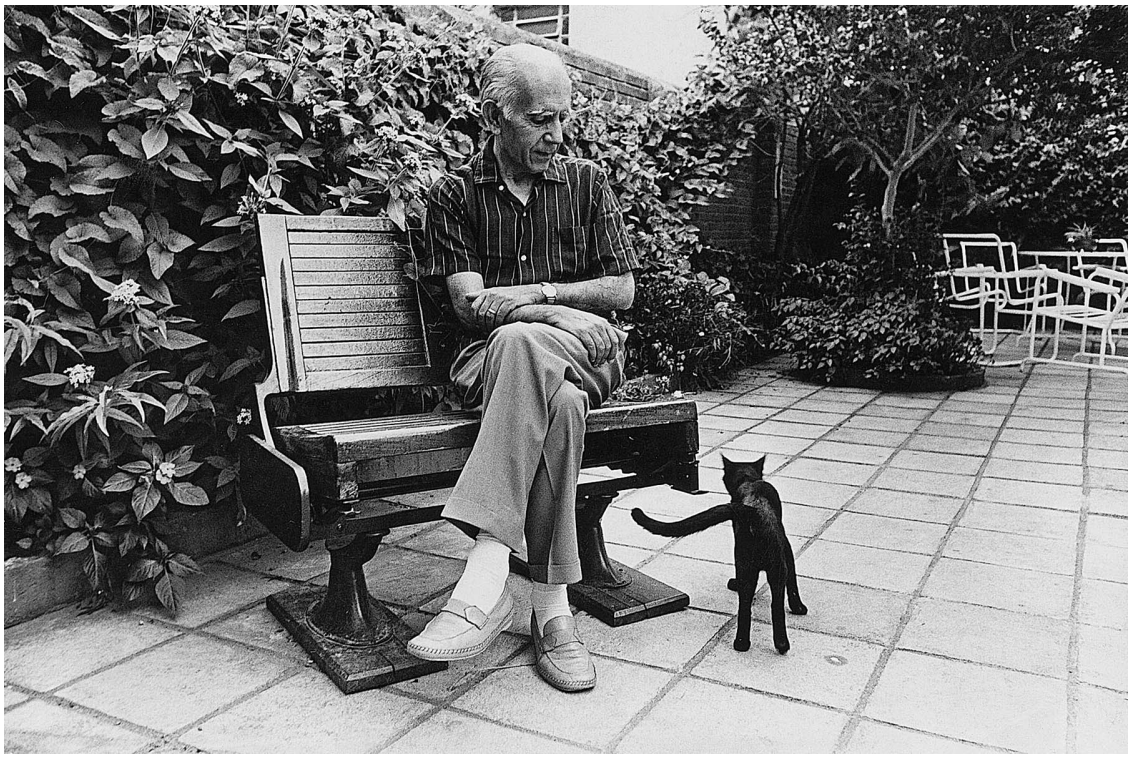




1 Capa ilustrada por Carybé da primeira edição — não comercial — de *Discurso de primavera e algumas sombras*, 1977.



2 Em 1977, *Sentimento do mundo* saiu na Bulgária, quando o país do leste europeu ainda estava sob a esfera da influência soviética. No Brasil, a ditadura começava lentamente a diminuir seu processo repressivo. Eram tempos da “distensão lenta, segura e gradual”.



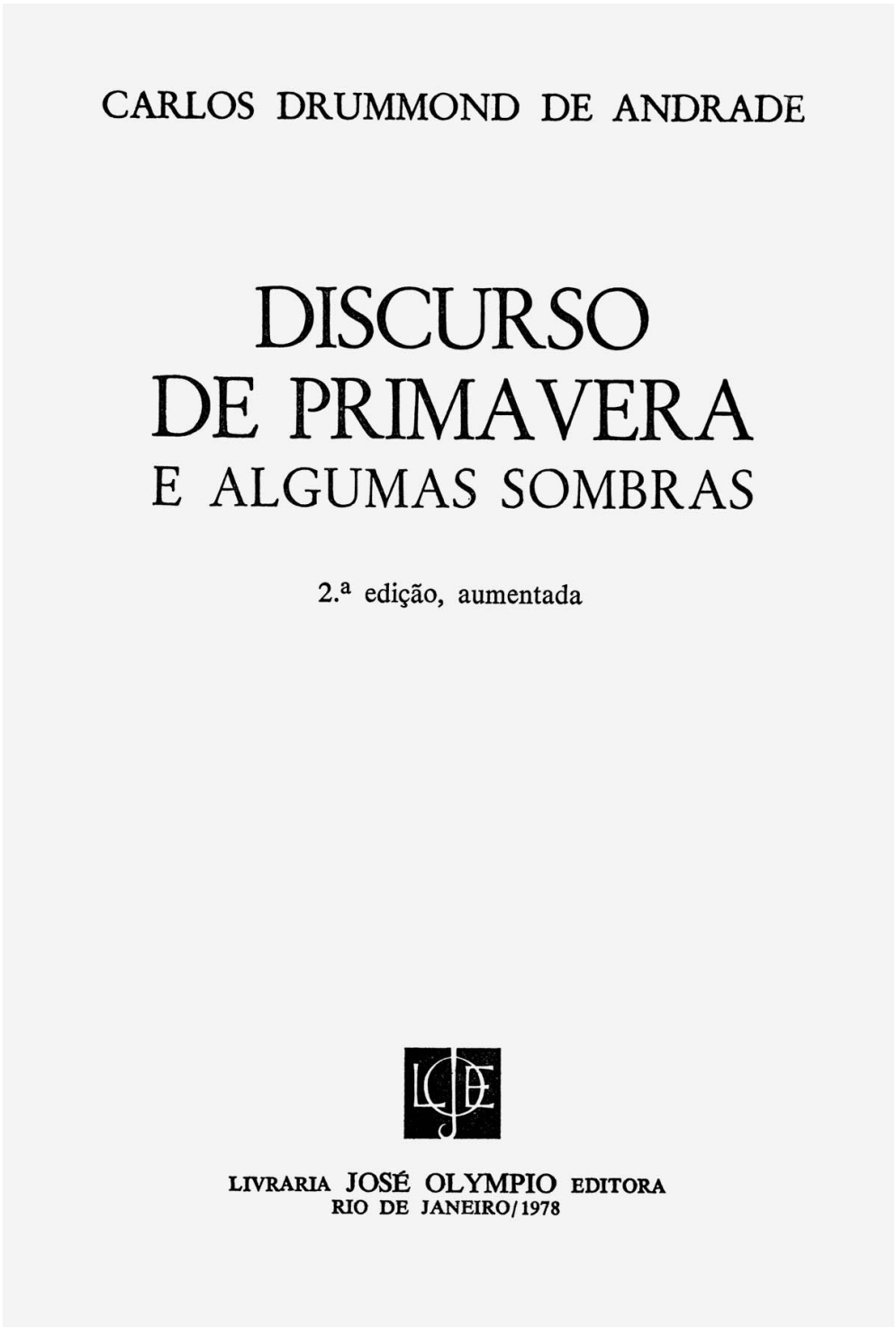
3 O escritor Erico Verissimo, que morrera de enfarte em 1975. “Falta um solo de clarineta”, Drummond escreve no poema que homenageia o autor gaúcho.



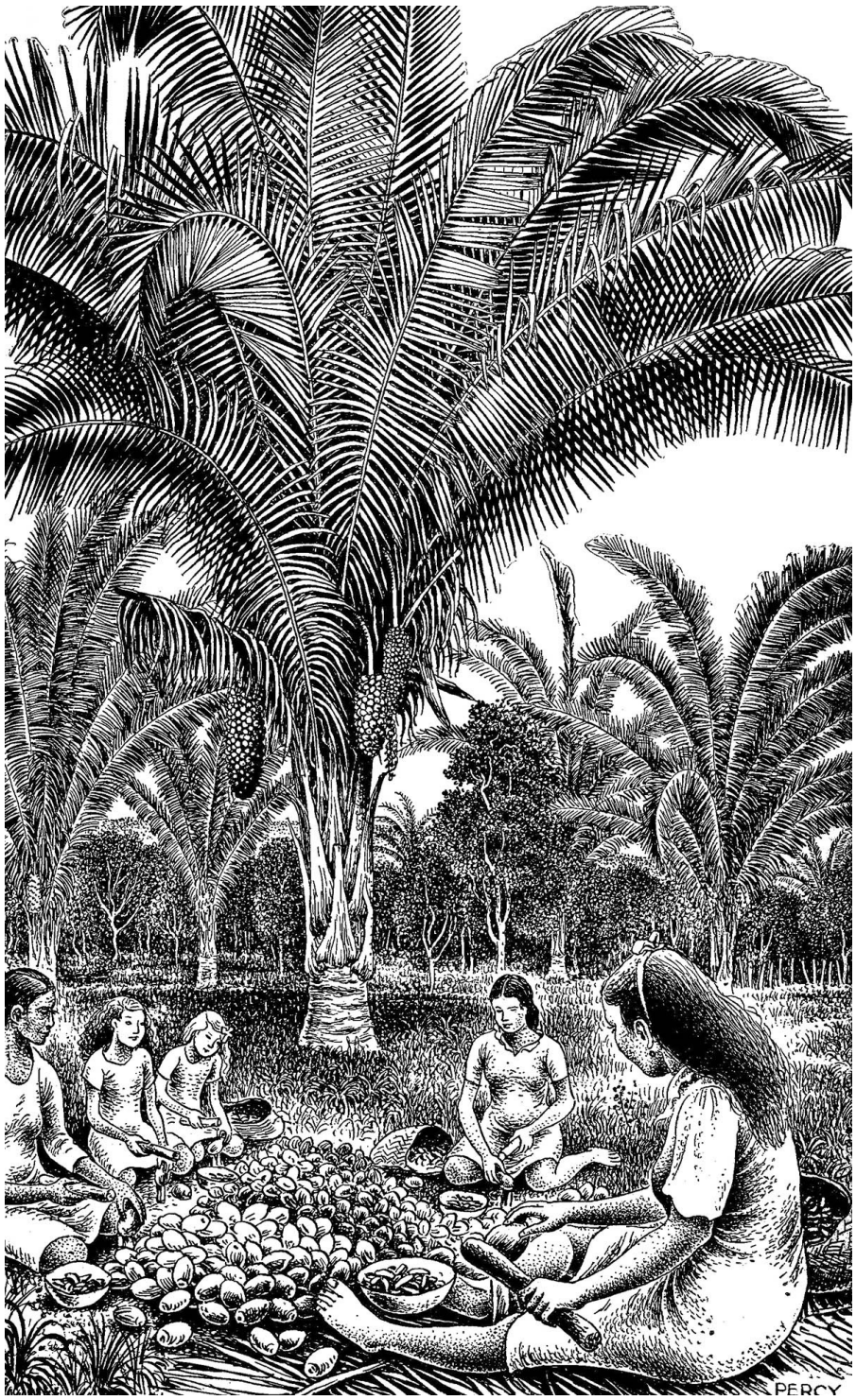
4 Clarice Lispector, que morreu no final de 1977. Em “Visão de Clarice Lispector”, incluído na segunda edição, publicada comercialmente no ano seguinte, Drummond abre o poema com os seguintes versos: “Clarice / veio de um mistério, partiu para outro”.



5 Cinéfilo desde os tempos de cronista em Belo Horizonte, Drummond homenageia a estrela Joan Crawford (1904-1977) no poema "Joan Crawford/ *In memoriam*": "No firmamento apagado/ não luciluzem mais estrelas de cinema".



6 Frontispício da segunda edição, na qual o poeta corrigiu e acrescentou novos poemas.



7 Bico de pena de autoria de Percy Lau (1903-1972), artista peruano radicado no Brasil e personagem do poema “Perda”. Lau percorreu todo o país para retratar tipos característicos, cenas e paisagens para os livros do ibge.



8 Entre os netos Luis Mauricio e Pedro, com Dolores, em Buenos Aires.

Crédito das imagens

Todos os esforços foram feitos para determinar a origem das imagens deste livro. Nem sempre foi possível. Teremos prazer em creditar as fontes, caso se manifestem.

Retrato de Carlos Drummond de Andrade. Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa/ Arquivo Museu de Literatura Brasileira. Fundo Carlos Drummond de Andrade. Reprodução de Ailton Alexandre da Silva

1 e 6.
Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin

2.
Cortesia de Pedro Drummond de Andrade

3.
Leonid Streliaev/ Abril Comunicações S.A.

4.
Arquivo/ Magnum Photos/ Lainstock

7.
DR/ Percy Lau

8.
Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa/ Arquivo Museu de Literatura Brasileira. Fundo Carlos Drummond de Andrade. Reprodução de Ailton Alexandre da Silva

Índice de títulos e primeiros versos

A Abgar Renault
A Afonso Arinos, setentão
A casa de Helena
A casa do jornal, antiga e nova
A contagem de tempo
A dor habita em nós, o cravo a ignora
A falta de Erico Verissimo
Afonso, que brincadeira!
A grande manchete
Águas e mágoas do rio São Francisco
Ai que jantares monótonos
Alagados da Bahia
Alceu e Tristão: o nome
Alceu na safira dos oitent'anos
Alegria, entre cinzas
A Lourdes e Cassiano Ricardo
A Lúcio Cardoso (*na casa de saúde*)
A música da terra
Antibucólica 1972
A paisagem no limite
A palavra mágica
A procura do número
Aproxima-se a hora da manchete
A rosa é um jardim
A rosa é um jardim
As arcas e os baús
As partes conflitantes decidiram
Ataíde à venda?
— Até a Clorofila?...
Augusto Frederico Schmidt 10 anos depois
A um contemporâneo
A voz
Besourinho escuro
Branca Dias
Branca Dias
Cai neve em Parnaíba
Calma
Casebres à flor d'água
Ceia em casa de Simão (*Evangelho de Lucas,* VII, *36-50*)
Certa palavra dorme na sombra
Clarice
Como se não bastasse o mundo de tristezas
Dai-me, Senhor, assistência técnica
Dantas Mota, profeta, e voz de rio

Das relações entre topos e macrotopos
Do Rio a Vila Rica
E aconteceu a primavera
E chega o momento de olhar para o amigo
E de repente Santa Teresinha
Elegia carioca
Em louvor de mestre Aires
Entreato de paz
Entre visitas que perguntam
Era pequeno, era elegante, era discreto
Esta é uma flor para Di
Está secando o velho Chico
Este mundo não existente
Exercitia, *de José Geraldo Nogueira Moutinho*
Exorcismo
Fala de Chico-Rei
Falta alguma coisa no Brasil
Folheando Disegni*, de Kantor*
Francisco, bom-dia no seu dia!
Frutuoso Viana
Gigante que recusas
Governador em viagem
Há tantos diálogos
Inconfidência Mineira
Indagação
Infatigável
Joan Crawford: in memoriam
Jornal de serviço (*Leitura em diagonal das "Páginas amarelas"*)
Kantor
Kreen-akarore
Lembrança de Portinari
Mal do século
Manhã de quarta-feira
Manuel Bandeira faz novent'anos
Máquinas de lavar
Mas esta é a velha Garbo, seminua
Microlira
Murilo Mendes hoje/ amanhã
Namoradas mortas
Na morta biosfera
Não canto
Nava
Nem soneto nem sonata
Nesta cidade vivo há 40 anos
Neste botânico setembro
NINGUÉM: Tu estás a fim de quê?
No firmamento apagado
No jardim cassiano
Num planeta enfermo
Ó Aires dos ares bons

O Brasil tem muitas Aparecidas
O comércio da privacidade
O constante diálogo
Oi, poeta!
— Olha. *O nariz do morto*! — que nariz
O nariz do morto
O poeta elabora sua personagem
O progresso não recua
O sábio sorriso
Os namorados do Brasil
Os peões, os seringueiros, os pescadores de surubim
O universo de Portinari
Para você ganhar belíssimo Ano Novo
Paris pede postais
Pedro Nava a partir do nome
Perda
Por que não vais a Belo Horizonte? a saudade cicia
Postal para Catherine
— Quanto quer pelo Ataíde?
Que alguém te cante e te descante
Receita de Ano Novo
Receituário sortido
Recomendação
Rei
Retrato de uma cidade
Retrolâmpago de amor visual
Rotativa
Russa translúcida de sorriso tímido
Se não erro
Som
Sussuro
Tem dois escravos Padre Toledo
Tem nome de rio esta cidade
Todo mundo e ninguém (Auto da Lusitânia*, de Gil Vicente*)
Traços do poeta
Triste horizonte
Ultratelex a Francisco
Uma flor para Di Cavalcanti
Um besouro em toda parte
Um lírio, por acaso
Veleja o poeta em mar desconhecido?
Visão de Clarice Lispector

Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond
www.carlosdrummond.com.br

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO
warraklоureiro
sobre *Série montanhas do Rio* (*Ponta do Morcego, Niterói*),
1987, de Wanda Pimentel, acrílica sobre tela, 80 x 100 cm.
Coleção particular.
PESQUISA ICONOGRÁFICA
Regina Souza Vieira
ESTABELECIMENTO DE TEXTO
Antonio Carlos Secchin
PREPARAÇÃO
Jaime Azenha
REVISÃO
Huendel Viana
Adriana Bairrada
ISBN 978-85-438-0055-4

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br